



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA INGLESA

IRYS DELFINO DA SILVA

**INGLÊS COMO LÍNGUA-PONTE: UM INSTRUMENTO DE INTEGRAÇÃO,
ACOLHIMENTO E ENSINO DO PORTUGUÊS PARA REFUGIADOS E
MIGRANTES NO BRASIL**

João Pessoa
2023

IRYS DELFINO DA SILVA

**INGLÊS COMO LÍNGUA-PONTE: UM INSTRUMENTO DE INTEGRAÇÃO,
ACOLHIMENTO E ENSINO DO PORTUGUÊS PARA REFUGIADOS E
MIGRANTES NO BRASIL**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Letras, habilitação em Língua Inglesa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Juliana Henriques de Luna Freire

João Pessoa
2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586i Silva, Irys Delfino da.

Inglês Como Língua-Ponte: Um Instrumento de
Integração, Acolhimento e Ensino do Português Para
Refugiados e Migrantes no Brasil / Irys Delfino da
Silva. - João Pessoa, 2023.

55 f. : il.

Orientador: Juliana Henriques de Luna Freire.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/CCHLA.

1. Acolhimento. 2. Inglês Como Língua-Ponte. 3.
Integração. 4. Migrantes. 5. Refugiados. I. Luna
Freire, Juliana Henriques de. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 811.111:811.134.3

IRYS DELFINO DA SILVA

**INGLÊS COMO LÍNGUA-PONTE: UM INSTRUMENTO DE INTEGRAÇÃO,
ACOLHIMENTO E ENSINO DO PORTUGUÊS PARA REFUGIADOS E
MIGRANTES NO BRASIL**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Letras, habilitação em Língua Inglesa.

Data de aprovação: 02 de junho de 2023.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Juliana Henriques de Luna Freire
Orientadora
Universidade Federal da Paraíba

Prof^a. Dr^a. Ana Berenice Peres Martorelli
Examinadora
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dr. Walison Paulino de Araújo Costa
Examinador
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dr. José Wellisten Abreu de Souza
Suplente
Universidade Federal da Paraíba

AGRADECIMENTOS

A Deus, o autor da minha vida e a quem dedico este trabalho, que derramou diariamente sobre mim a sua misericórdia me dando saúde e capacidade para concluir a graduação. “Como posso retribuir ao Senhor toda a sua bondade para comigo?” (Salmos 116:12), a sua bondade me segue por todos os dias. A Deus seja a honra, a glória e o louvor.

À minha mãe que sempre me apoiou, me motivou, me encorajou a prosseguir e a ser forte e por cumprir com êxito o seu papel de mãe e amiga.

Ao meu pai que sempre me deu apoio e nunca mediu esforços para me ajudar e me encorajar a estudar.

À minha irmã pelo seu apoio incondicional desde o princípio, principalmente para cursar Letras, e por sempre me fortalecer.

Ao meu cunhado por me dar apoio e acreditar no meu potencial.

À professora Juliana Luna Freire por ter aceitado me orientar neste trabalho, por sua atenciosidade e pelo seu trabalho e cuidado no projeto Refugiados e Migrantes na Paraíba: acolher e integrar.

À professora Ana Berenice pela oportunidade no projeto REFMI, o qual foi inspiração para o meu TCC, além de ter me feito conhecer uma área de ensino valiosa.

Aos professores Walisson Paulino e Betânia Medrado pelos ensinamentos acerca da profissão do professor e as suas orientações tanto no Programa de Residência Pedagógica quanto no Núcleo de Estudos e Escutas de Professores de Línguas (NEEPLIN), bem como a professora Carla Reichmann pelos conhecimentos compartilhados também no núcleo.

Aos meus amigos que sempre acreditaram em mim e me ajudaram ao longo desse processo.

Aos meus alunos por terem aceitado participar da entrevista.

“Dando graças constantemente a Deus Pai por todas as coisas, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo.”

Efésios 5:20

RESUMO

O aumento exponencial no número de migrantes e refugiados em terras brasileiras nas últimas décadas tem desencadeado diversos desafios que deverão ser encarados por essa população diariamente. Em busca de uma vida melhor, muitos procuram com urgência se integrar na sociedade do país receptor. Dentre muitas barreiras, o idioma se destaca como um dos principais entraves para se ter acesso aos direitos e serviços considerados essenciais para todos os seres humanos, como: educação, trabalho e moradia, dado que pela falta de profissionais especializados, a maior parte não consegue compreender o que pode ser obtido. Partindo da hipótese de que a língua inglesa pode ser um instrumento de facilitação e promoção através do seu papel de língua-franca, graças ao perfil bilíngue e multilíngue desse público, o presente trabalho propôs-se a investigar de que maneira o inglês como uma língua-ponte facilita e promove o ensino do Português, a integração e o acolhimento de refugiados e migrantes no Brasil, tendo em mente a sua difusão ao redor do mundo. Desse modo, por meio de uma pesquisa qualitativa, de natureza aplicada, objetivo exploratório e procedimento de campo, foram utilizados autores como Bordenave (2005), Luna Freire e Martorelli (2021), Seidlhofer (2005), Oliveira e Silva (2017), Le Breton (2005) e Caldeira (2012), além de uma entrevista estruturada e registrada realizada com quatro estudantes participantes do projeto “Refugiados e Migrantes na Paraíba: Acolher e Integrar” da UFPB para fundamentar as discussões e obter dados mais justos e representativos.

Palavras-chave: Acolhimento. Inglês Como Língua-Ponte. Integração. Migrantes. Refugiados.

ABSTRACT

The exponential increase in the number of migrants and refugees in Brazilian lands in the last decades has triggered several challenges that must be faced by this population daily. In search of a better life, many urgently seek to integrate into the society of the receiving country. Among many barriers, language stands out as one of the main obstacles to accessing the rights and services considered essential for all human beings, such as education, work, and housing, since due to the lack of specialized professionals, most cannot understand what can be obtained. Starting from the hypothesis that the English language can be an instrument of facilitation and promotion through its role as a lingua franca, thanks to the bilingual and multilingual profile of this public, the present work proposed to investigate how English as a bridge-language facilitates and promotes the teaching of Portuguese, the integration and reception of refugees and migrants in Brazil, keeping in mind its diffusion around the world. Thus, by means of a qualitative research, of applied nature, exploratory objective and field procedure, authors such as Bordenave (2005), Luna Freire and Martorelli (2021), Seidlhofer (2005), Oliveira and Silva (2017), Le Breton (2005) and Caldeira (2012), besides a structured and recorded interview conducted with four students participating in the project “Refugees and Migrants in Paraíba: Welcoming and Integrating” at UFPB to ground the discussions and obtain fairer and more representative data.

Keywords: Hosting. English as Bridge Language. Integration. Migrants. Refugees.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Principais informações sobre os alunos entrevistados

36

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Aprendizagem do inglês	37
Gráfico 2 – Primeira interação com o português	39
Gráfico 3 – Idioma para comunicação ao chegar no Brasil	40
Gráfico 4 – Objetivo ao entrar no projeto	42
Gráfico 5 – Como o inglês ajudou	43
Gráfico 6 – O inglês como facilitador da integração e do acolhimento	45
Gráfico 7 – Inglês como mediador da aula	47

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
ANBA	Agência de Notícias Brasil-Árabe
CCHLA	Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
CONARE	Comitê Nacional para os Refugiados
DETRAN	Departamento Estadual de Trânsito
DLEM	Departamento de Letras Estrangeiras Modernas
EUA	Estados Unidos da América
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
ILF	Inglês como Língua Franca
LF	Língua Franca
MJ	Ministério da Justiça
OIM	Organização Internacional para Migrações
OBMIGRA	Observatório das Migrações Internacionais
PF	Polícia Federal
PLAC	Português como Língua de Acolhimento
REFMI	Projeto Refugiados e Migrantes na Paraíba: acolher e integrar
SAL	Secretaria de Assuntos Legislativos
SISMIGRA	Sistema de Registro Nacional Migratório
SPM-NE	Serviço Pastoral De Migrantes Do Nordeste
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UNESCO	Organização das Nações Unidas Para a Educação, Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 O FENÔMENO DA MIGRAÇÃO HUMANA	17
2.1 Uma terra de migrações	18
2.2 Fluxo migratório internacional na Paraíba	20
2.3 Os efeitos dos deslocamentos	21
3 A COMUNICAÇÃO COMO BASE DAS RELAÇÕES HUMANAS	23
3.1 O conceito de língua franca	25
4 A ASCENSÃO DA LÍNGUA INGLESA	27
4.1 Fatores linguísticos e geopolíticos	29
4.2 Inglês como língua franca	30
5 PROJETO REFUGIADOS E MIGRANTES NA PARAÍBA: ACOLHER E INTEGRAR	32
5.1 A turma para falantes de inglês	35
6 ENTREVISTA COM OS ALUNOS	36
6.1 Resultados e análise dos dados	37
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51

1 INTRODUÇÃO

A estimativa global de migrantes internacionais é de 281 milhões, de acordo com os dados da OIM – Organização Internacional para Migrações divulgados em 2020, representando 3,6% da população mundial, e pelo menos 89,3 milhões de refugiados em todo o mundo (ACNUR, 2021). Entre as principais razões para essas movimentações estão o trabalho, família, estudos, conflitos, crises econômicas, perseguições e desastres. Ainda de acordo com a OIM (2020), os migrantes que se enquadram nos grupos de migração forçada são os que mais carecem de apoio e assistência, mesmo que estes representem uma pequena parte da porcentagem total de deslocamentos.

No Brasil, o cenário não se distingue do resto do mundo. Sendo considerado uma rota para migrantes, as terras brasileiras passaram por diversos fluxos migratórios que trouxeram pessoas de diferentes culturas e nacionalidades, vindo a ser um país multiétnico. Atualmente, segundo a OBMigra – Observatório das Migrações Internacionais, o Brasil possui cerca de 65 mil pessoas reconhecidas como refugiadas (ACNUR, 2021) e 1,3 milhão de imigrantes residindo no país, conforme o relatório de 2021 da Agência Brasil, retratando uma pequena parcela da população brasileira (AGÊNCIA BRASIL, 2021).

Outrossim, no ano de 2017, foi aprovada a Lei de Migração¹ nº 13.445/2017 (BRASIL, 2017) que além de regulamentar a entrada e saída de migrantes, promove a acolhida humanitária, a inclusão social e o acesso igualitário aos direitos básicos, como educação, trabalho e moradia. Essa norma se torna necessária em razão do aumento dos que se deslocam de uma região para outra, já que ao chegarem em um novo lugar, eles devem se deparar com diversos desafios sendo um dos principais a barreira linguística

O Brasil é considerado um país monolíngue cuja maior parte da população fala apenas um idioma, o que pode dificultar a socialização dos migrantes. A barreira linguística, dentro desse cenário, pode ocasionar a privação de acesso aos seus direitos, pois a sua inacessibilidade “ameaça a dignidade humana, exacerba a vulnerabilidade inata de muitos imigrantes e prejudica a sociedade em geral ao impedir a eficácia dos sistemas de saúde e justiça” (ALANEN, 2009, p. 93).²

Em contrapartida, grande parte dos migrantes e refugiados são bilíngues ou multilíngues, o que pode facilitar o aprendizado de outros idiomas. O perfil poliglota, então,

¹ Art. 1. Esta Lei dispõe sobre os direitos e os deveres do migrante e do visitante, regula a sua entrada e estada no País e estabelece princípios e diretrizes para as políticas públicas para o emigrante.

² No original: “[...] undermines human dignity, exacerbates many immigrants’ innate vulnerabilities, and harms society at large by impeding the efficacy of the healthcare and justice systems.”

surge como uma vantagem para a socialização em um país estrangeiro, já que possuir conhecimento do idioma mais difundido nos dias hodiernos, o inglês, pode beneficiar o seu falante, ampliando o seu campo de comunicação, conseqüentemente, tendo acesso mais célere aos seus direitos.

Com o advento da globalização, o inglês alcançou o status de língua-franca, uma língua que atua como ponte da comunicação tanto entre pessoas de nacionalidades, culturas e idiomas distintos quanto entre falantes nativos e não-nativos da língua inglesa. Como resultado disso, o inglês tornou-se uma peça fundamental na vida cotidiana, estando presente em várias esferas sociais como as pesquisas, viagens, negócios e trabalhos.

Entende-se, portanto, por língua-ponte uma língua que conecta duas pessoas distintas separadas pela barreira linguística. Ela é capaz de propiciar a aproximação, a ligação e a construção de relacionamentos entre indivíduos, rompendo limitações na comunicação através do uso de um objeto em comum, o idioma. Desse modo, pode ser afirmado que a língua franca é uma língua-ponte dado o seu papel de mediadora no ato comunicativo.

O questionamento norteador do trabalho parte do entendimento de que a língua inglesa possui um caráter multifacetado e multinacional que diminui as barreiras geográficas e linguísticas, possibilitando a comunicação entre pessoas de diferentes lugares do mundo: de que maneira o inglês como uma língua-ponte facilita e promove o ensino do português, a integração e o acolhimento de refugiados e migrantes no Brasil? Dessa forma, a pesquisa propõe-se a investigar como os aspectos constituintes na problemática, ou seja, fazer uma investigação de como ocorre a facilitação e a promoção da integração, do acolhimento e do ensino do português através da língua inglesa para esse público-alvo.

Assim, tem-se como o primeiro objetivo específico relatar os efeitos dos deslocamentos, explicitando e contextualizando os desafios que chegam juntamente com os refugiados e migrantes ao novo território que eles escolheram se inserir e apresentar os obstáculos que os países receptores enfrentam ao acolher essa população e a defasagem no apoio e assistência a eles.

O segundo objetivo visa historicizar o fluxo migratório no Brasil de refugiados e migrantes, buscando fazer um levantamento histórico da chegada de estrangeiros no país, bem como as razões que os motivaram a se deslocar e evidenciar as leis que favoreciam a sua vinda em terras brasileiras, além de apresentar dados recentes acerca das atuais migrações que em sua maioria acontecem pelos venezuelanos.

O terceiro objetivo específico propõe-se compreender a comunicação como base das relações humana, entendendo que a comunicação faz parte do homem desde os primórdios,

pois por ser de sua natureza o instinto de ser participante de grupos para que possa manter a sua sobrevivência, o homem possui o ato comunicativo como meio para interagir com outros indivíduos, e logo, integrar-se e ser acolhido em uma sociedade.

O quarto objetivo visa a procura de um conceito de língua franca e o contexto que a abrange, levando em consideração definições de autores da área e exemplificando com outros idiomas que atuaram como mediadoras da comunicação ao longo da história, além de fazer menção ao inglês que é o atual detentor desse status, uma “língua-ponte”.

O quinto objetivo submete-se a explicar o funcionamento do projeto “Refugiados e Migrantes na Paraíba: Acolher e Integrar”, elucidando os pontos principais e os eixos que são base norteadora da ação de extensão da UFPB, bem como a explanação do conceito de Português como Língua de Acolhimento, que é o ponto principal do curso.

Em face do exposto, a hipótese da pesquisa indica que a língua inglesa pode ser um instrumento para facilitar e promover a integração, o acolhimento e ensino do português para refugiados e migrantes através do seu papel de língua-franca, tendo em vista que a maior parte dos que se deslocam são falantes de mais de uma língua, sobretudo o inglês.

Passaram-se a ser observadas, alicerçado nisso, as aulas da turma para falantes de inglês do projeto Refugiados e Migrantes na Paraíba: Acolher e Integrar (REFMI), uma ação de Extensão do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, que tem como objetivo promover a integração e acolhimento de refugiados tanto do estado quanto do país inteiro através do ensino, pesquisa e extensão universitária, envolvendo o ensino do Português como Língua de Acolhimento e Adicional e o provimento de políticas locais relativas a esse público.

A turma para falantes de inglês, que é chamada assim, abrange refugiados e migrantes de países e culturas distintas, possuindo, conseqüentemente, diferentes idiomas. Dentro dela pode ser contemplado o funcionamento da língua inglesa como língua-franca, onde ela atua como mediadora da comunicação tanto entre professor e aluno quanto do ensino-aprendizagem do português nas aulas.

A partir da abordagem qualitativa, de natureza aplicada, objetivo exploratório e procedimento de campo, foi realizada uma entrevista focalizada e registrada por meio da plataforma *Google Meet* com os alunos da turma para falantes de inglês que possuem familiaridade com o objeto investigado para obter dados mais justos e representativos e solucionar o problema do trabalho. O critério para a escolha dos participantes se deu por serem os únicos a estarem matriculados na turma. Ademais, foram utilizados autores Bordenave (2005), Luna Freire e Martorelli (2021), Seidlhofer (2005), Oliveira e Silva

(2017), Le Breton (2005) e Caldeira (2012) para fundamentar as discussões propostas nos objetivos específicos.

No primeiro capítulo, será discutido o fenômeno da migração humana, visando explicitar as diferentes definições referentes aos que se deslocam como migrantes, imigrantes e refugiados, além de apresentar o histórico do fluxo migratório no Brasil e na Paraíba no intuito de compreender a necessidade de criação de Políticas Públicas e programas voltados à esse público, bem como os efeitos da migração. O segundo capítulo abordará o homem como um ser social e possuidor do dom da linguagem que utiliza-se da comunicação como ferramenta para construir relações. Assente nisso, busca-se compreender o conceito de língua franca como meio para se alcançar a interação, integração e acolhimento.

O terceiro capítulo, tem a finalidade de analisar a história da ascensão da língua inglesa e os aspectos que contribuíram para a sua difusão ao redor do mundo até alcançar o status de língua franca, como a batalha de *Hastings* e os fatores linguísticos e geopolíticos. No quarto capítulo é exposto o projeto REFMI, a conceituação de Português como Língua de Acolhimento e a turma para falantes de inglês, assim como o seu surgimento. Já no último capítulo, será visto a entrevista com os alunos, os dados obtidos e a suas análises.

2 O FENÔMENO DA MIGRAÇÃO HUMANA

A migração humana é um fenômeno histórico que sempre esteve presente em todos os lugares e em todos os tempos, fazendo parte da formação sócio-territorial de diversos países do mundo, incluindo o Brasil. Esse processo pode ser desencadeado por diferentes fatores, como: guerras, perseguições, desastres ambientais, crises econômicas e humanitárias ou estudos e trabalhos. Conforme o relatório da OIM em 2020, os migrantes e refugiados compõem uma pequena porcentagem da população mundial, estando em 281 milhões de pessoas, representando apenas 3,6% da sociedade global.

Esse número, segundo a mesma organização, cresceu exponencialmente nas últimas cinco décadas, tendo o ano de 2020, por exemplo, três vezes mais migrantes internacionais do que o ano de 1970, ou seja, 128 milhões de pessoas a mais. Além disso, os dados da ACNUR divulgados em 2021 também apontam que 89,3 milhões em todo o mundo tiveram que deixar suas casas de maneira forçada, no qual 69% saíram de apenas cinco países, isto é, Síria (27%), Venezuela (18%), Afeganistão (18%), Sudão do Sul (9%) e Mianmar (5%).

O conceito de migração, no entanto, não é simples de compreender, tendo em vista que não há um consenso sobre ele, principalmente nos dias de hoje, devido ao aumento de diferentes formas de movimentações, como aponta Resstel (2015, p. 37-38). Contudo, os governos, de acordo com a ACNUR (2015), consideram de grande importância fazer a diferenciação entre os termos migrantes, imigrantes e refugiados, dado que cada país possui sua própria legislação para lidar com as diferentes situações e confundi-los pode desencadear uma série de consequências que findará na falta de segurança e defasagem no apoio a esse público.

Pode-se definir, então, migração como “[...] deslocamentos de um lugar a outro, a movimentações que possuem uma origem e um destino imbuídas de um propósito, de se fixar ou residir em outro território” (RESSTEL, 2015, p. 37). Com isso, por ser um termo mais abrangente, especialistas aconselham a chamar todos os que se locomovem de um país para outro de “migrantes internacionais”, também conhecidos como imigrantes, uma vez que suas definições estão em harmonia, sendo este último definido como todo aquele que entra e mora em outro país.

Dessa forma, os migrantes internacionais, ou imigrantes, são pessoas que se deslocam dentro de seu próprio país ou internacionalmente de forma voluntária em busca de melhores oportunidades e qualidade de vida, seja por saúde, educação ou trabalho. Ademais, os

migrantes não se deslocam decorrência de ameaças diretas de perseguições ou morte e não deixam de receber a proteção do governo do seu país natal (ACNUR, 2015).

Já os refugiados são pessoas que se deslocam de forma forçada em razão de guerras, conflitos e perseguições e por terem suas vidas ameaçadas, e não podem retornar ao seu país de origem. Diferentemente dos imigrantes, os refugiados não recebem proteção do governo de seus países, por isso, negar uma solicitação de refúgio pode trazer graves consequências para quem a solicita. Sendo assim, de forma mais elucidativa, pode-se definir refugiado como toda pessoa que:

[...] tenha sido obrigada a fugir do seu país de origem ou residência habitual por fundado temor de perseguição relacionado a questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo social ou opinião política, ou então devido a grave e generalizada violação de direitos humanos ou circunstâncias que perturbem gravemente a ordem pública, e que necessitam de proteção internacional, incluindo assistência dos países para onde se deslocam e de organizações relevantes na área. (ACNUR, 2016; ACNUR, 2021)

Como mencionado, a migração é parte constituinte do processo de desenvolvimento de vários países. Nos últimos anos, muito tem-se ouvido falar do aumento abrupto dos que têm fugido da sua terra natal e procurado refúgio em outra nação. Com isso, muitos desafios têm surgido para os países acolhedores e compreender todos eles é imprescindível para que os refugiados e migrantes possam viver com dignidade.

2.1 Uma terra de migrações

O Brasil é um país que possui uma longa tradição histórica de migração internacional. Foi no século XVI que ocorreu o primeiro fluxo migratório em terras brasileiras, onde Portugal chegou com grande intensidade. Durante este período, é possível identificar dois grupos distintos que fizeram parte dos primeiros movimentos populacionais, como explica Torres (2019, p. 138): o que chegou de forma despretensiosa, visando novas oportunidades para a expandir a economia e desvendar as terras brasileiras e o que veio de forma forçada para servirem de escravos aos colonizadores europeus.

Ainda de acordo com Torres (2019), o povo açoriano foi o primeiro a migrar para o Brasil, isto porque eram instigados a deixar as Ilhas dos Açores, sua terra natal, para povoar as terras meridionais de Portugal. A razão para esse deslocamento foi motivada pelo crescimento

demográfico e a desigualdade econômica, pois a maior parte das riquezas se concentravam nas mãos da nobreza. Com isso, era inevitável que muitos açorianos desejassem uma vida melhor e procurassem viver em condições dignas na qual pudessem produzir, uma vez que suas terras eram improdutivas.

Além deles, também chegaram ao Brasil os suíços, em virtude de uma política de recrutamento de estrangeiros assinada por Dom João VI e Nicolas Gachet, agenciador do governo Suíço. Os alemães e austríacos também participaram desse período de colonização em terras brasileiras (ibid., p. 140).

No século XIX, a Independência do Brasil, ocorrida em 1822, ocasionou a entrada do país no mercado para competir no cenário capitalista internacional. Os imigrantes que chegariam não seriam mais para o povoamento, mas para a mão de obra, como aconteceu com os italianos, espanhóis e mais portugueses. O governo que até o momento priorizava os europeus, implementou a Lei Nº 97/1892³ que permitia a livre entrada de imigrantes de origem asiáticas como chineses e japoneses (BRASIL, 1892).

O Brasil também surge, segundo a ANBA (Agência de Notícias Brasil-Árabe), como uma opção de refúgio para libaneses, sírios e cidadãos de outros países do Oriente Médio. Desde o século XIX, muitos têm buscado abrigo em território brasileiro em meio a conflitos enfrentados em seus países de origem. E, embora haja uma oscilação no fluxo migratório destes povos, o professor Murilo Meihy diz, em sua entrevista para a agência, em 2021, que “A imigração árabe ao Brasil nunca acabou, ela é cíclica e está relacionada a conflitos no Oriente Médio. O Brasil é um destino porque aqui já há uma rede integrada que mantém esse fluxo ativo” (ANBA, 2021). Neste sentido, a professora de História de Ásia, Samira Adel Osman (2011 apud SOTOCORNO, 2013, p. 221-223) aponta outras causas impulsionadoras para o fluxo migratório, entre elas estão: questões locais e regionais, instabilidades e descendentes no país.

A partir do século XX, o país passou a receber muitos migrantes de diferentes nacionalidades como consequência da 1ª Guerra Mundial: portugueses, espanhóis, japoneses, russos e romenos desembarcaram em terras brasileiras, seguidos por judeus, em virtude de perseguições. Ainda no mesmo século, a 2ª Guerra Mundial ocasionou a vinda de muitos europeus e japoneses como mão-de-obra qualificada. Por fim, o século XXI trouxe consigo

³ Art. 1. É permitida a livre entrada, no território da República, a imigrantes de nacionalidade chinesa e japonesa, contanto que, não sendo indigentes, mendigos, piratas, nem sujeitos à ação criminal em seus países, sejam válidos e aptos para trabalhos de qualquer indústria.

migrações de senegaleses, congoleses, angolanos, haitianos, argentinos, paraguaios e venezuelanos.

No ano de 2021, o Brasil recebeu solicitações provenientes de 117 países, segundo o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), sendo em sua maioria venezuelanos (78%), seguidos de angolanos (6,7%) e haitianos (2,7%) (ACNUR, 2021). No total, foram feitas 29.107 solicitações na condição de refugiado, com 3.086 pessoas de diversas nacionalidades reconhecidas como refugiadas pela CONARE. E, segundo os dados recolhidos pelo Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), em 2022, Síria (71), Líbano (90) e Paquistão (41) estão entre os 20 principais países que mais solicitaram reconhecimento da condição de refugiado, totalizando 202 solicitações de refúgio. O projeto constata ainda que até o início de 2023 existiam mais de 65 mil pessoas reconhecidas como refugiadas no Brasil.

2.2 Fluxo migratório internacional na Paraíba

Historicamente, o Nordeste, se comparado a outras regiões do Brasil, é um local com pouca tradição de acolhimento a imigrantes, sobretudo o Estado da Paraíba (SILVA e OJIMA, 2017 apud BAENINGER e SILVA, 2018, p.259). Ainda assim, “esse fato não deve ser um reflexo da inexistência de tentativas de colonização e imigração no Nordeste, pelo contrário, elas foram concretas, embora nem sempre bem-sucedidas” (TEIXEIRA, 2017, p. 158), pois, com isso, se tornou necessário que houvesse a criação de políticas públicas e programas voltados para esse público, como apontam Luna Freire e Martorelli (2021, p. 101).

Durante o período das Repúblicas na Paraíba, tanto Álvaro Lopes Machado, comandante da Primeira República (1892-1912), como Epitácio Pessoa, cabeça da Segunda República (1912-1915), mantiveram políticas de cunho progressistas que sustentaram o estilo político da época baseando-se em dois pilares. O primeiro estava relacionado à otimização das suas ações governamentais em prol da população e do Estado, e a segunda estava alicerçada sob o ponto de vista moral da política e da administração do Estado, como explica Teixeira (2017, p. 159). A autora prossegue revelando que no tocante à questão imigratória no íterim dessas oligarquias, a Paraíba, juntamente com os estados de Alagoas e Pernambuco, fez parte da Associação de Colonização que, embora a sua existência não tenha perdurado por muito tempo, tinha por objetivo o recebimento de portugueses, franceses, alemães, espanhóis e italianos, em meados do século XIX. Ainda no decorrer deste mesmo período, o governador Álvaro Lopes Machado, no ano de 1894, emitiu uma mensagem para a Assembléia Legislativa manifestando interesse na imigração.

Atualmente, é notório o grande fluxo migratório de chineses e venezuelanos em terras paraibanas. A Paraíba é o Estado com maior concentração da população chinesa no Nordeste com 24%, seguido pelo estado de Pernambuco com 21% (NEVES; VASCONCELOS; LACERDA, 2019). O causador do aumento da imigração asiática no Brasil e na região Nordeste tornou-se mais expressivo no ano de 2009, após a crise financeira de 2008, como apontam Fusco e Queiroz (2018 apud NEVES; VASCONCELOS; LACERDA, 2019). O principal motivador para a migração venezuelana, por sua vez, não se distingue muito da chinesa. Devido à crise econômica e humanitária na Venezuela, boa parte da população se viu obrigada a deixar o país e o Brasil surgiu como um destino para eles. Assim, ao chegarem em solo brasileiro, muitos foram realocados para outros estados, como a Paraíba.

Através de sua pesquisa, Torres (2017, p. 162) expõe que, apesar de o estado da Paraíba não ter condições econômicas de acolher imigrantes na época das Repúblicas, eram frequentemente encontradas nos jornais matérias elogiando as relações entre o Brasil e outros países. Nos dias hodiernos, a região Nordeste e o estado da Paraíba, mais precisamente, são grandes colaboradores no que concerne ao recebimento de refugiados e migrantes, sendo participantes de projetos como o MigraCidades, fruto da parceria entre a OIM, a Agência da ONU para as Migrações, e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que têm por objetivo auxiliar os governos locais a apreciarem, fortalecerem e construir políticas migratórias, sejam elas inter-regionais sejam intra-regionais.

Outrossim, o projeto universitário “Refugiados e Migrantes na Paraíba: acolher e integrar” (REFMI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) também contribui de forma excepcional no fornecimento de Português como Língua de Acolhimento (PLAC) para esse público, além de doações de produtos de higiene pessoal e alimentos e tradução de documentos.

2.3 Os efeitos dos deslocamentos

A entrada de refugiados e migrantes em um novo território carrega consigo diversos desafios que as nações acolhedoras e os próprios imigrantes deverão enfrentar, como o idioma, a documentação ou a ausência dela, o acesso à informação e ao mercado de trabalho formal, como expõe a Secretaria de Assuntos Legislativos do Ministério da Justiça (SAL/MJ) em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Ainda de acordo com o IPEA, a barreira linguística é um dos principais obstáculos encarados por essa população.

O jornal *El País Brasil* publicou, em 2014, uma matéria que mostrava a incapacidade de funcionários terceirizados da Polícia Federal (PF) de se comunicar com estrangeiros. Em uma situação, um nigeriano que estava há um mês no Brasil e que perguntou “*spanglish?*”⁴, recebeu como resposta do atendimento “Não. Vai lá esperar.” Circunstâncias como essa evidenciam uma realidade desagradável que os migrantes e refugiados no Brasil precisam facear. Por isso, em conformidade com Oliveira e Silva (2017, p. 133),

[...] não podemos mais ignorar o papel que a Política Linguística pode desempenhar no desenvolvimento de Políticas Públicas para atender à população imigrante no Brasil. A relevância do fator linguístico no processo de integração dos imigrantes nos invoca a refletir e questionar que políticas linguísticas o Estado brasileiro tem adotado ou pode adotar para garantir que essa população tenha acesso a serviços e direitos considerados fundamentais para a segurança e bem estar de qualquer ser humano.

A barreira linguística, desse modo, constitui uma das peças principais para o impedimento de acesso aos direitos. Isso porque ela provoca dificuldades na comunicação assertiva trazendo obstáculos na hora da socialização, pois a língua “[...] é vista como uma chave para a integração: o conhecimento da língua da sociedade de acolhimento é uma espécie de garantia para a integração com sucesso” (OLIVEIRA, 2010, p. 12) e, ainda, “[...] um saber fazer que contribui para uma interação real, a vida cotidiana, as condições de vida, as convenções sociais e outras que só podem ser compreendidas numa relação bidirecional” (GROSSO, 2010, p.71).

O Brasil é um país monolíngue, isto é, apenas o português é considerado a língua oficial da federação, de acordo com o artigo 13⁵ presente na Constituição Federal de 1988. De acordo com um levantamento realizado pela instituição britânica British Council, apenas 5,6% da população brasileira tem algum conhecimento da língua inglesa. Essa informação revela o porquê da situação enfrentada pelo nigeriano mencionado acima. A falta de entendimento em outra língua, sobretudo nos espaços governamentais, invocam a negligência por parte desses ao apoio e assistência a refugiados e migrantes.

⁴ O *spanglish* é um fenômeno linguístico e cultural que surge da combinação do espanhol e inglês por falantes bilíngues de origem hispânica que vivem nos Estados Unidos. Apesar disso, seu uso também pode ocorrer em outros países que falam espanhol. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/academy/blog/spanglish/>>. Acesso em: 27 abr. 2023.

⁵ Art. 13. A língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil.

Compensatoriamente, a maior parte dos refugiados e imigrantes possuem um perfil bilíngue ou multilíngue, o que pode resultar na viabilização dos acessos aos seus direitos, e principalmente no aprendizado da língua portuguesa.

Aqueles que vêm de países do continente africano falam, via de regra, além do inglês ou do francês, línguas étnicas e/ou línguas crioulas. O mesmo ocorre com boa parte dos falantes do continente asiático, como os sírios e palestinos, que, além do árabe, falam inglês. Ou dos haitianos que, a par do francês, falam o crioulo haitiano. (AMADO, 2013, p. 7).

Nota-se, portanto, que as instituições que possuem profissionais bilíngues, precipuamente aqueles que falam inglês, são capazes de atender às expectativas das políticas linguísticas e quebrar as suas barreiras, além de fazer os imigrantes se integrarem mais rápido com a ampliação do seu campo de comunicação, como a Lei de Migração 13.445 que institui aos refugiados e migrantes direito aos acesso e serviços considerados básicos e fundamentais para o ser humano como educação, trabalho e saúde (BRASIL, 2017).

3 A COMUNICAÇÃO COMO BASE DAS RELAÇÕES HUMANAS

Compreender o ser humano como ser de relações é entender que o seu processo de desenvolvimento está inteiramente ligado tentativa de comunicar-se com outros indivíduos (BOVÉRIO, 2016, p. 328) provando, desde os primórdios, ser algo inerente ao homem quando este sempre se mostrou ser um ser social que precisa de interação para manter a sua sobrevivência, pois, conforme Aristóteles (384-322 a.C.), o homem é um sujeito que, por natureza, precisa pertencer a uma coletividade⁶. Isto é, o homem é social e um ser gregário por excelência, possuindo, além disso, o dom da linguagem, possibilitando-lhe viver em sociedade. Nesse sentido, então, pode-se afirmar que a integração e o acolhimento provêm da interação, e esta, da comunicação.

A comunicação, portanto, tem o poder de construir relações? De acordo com Bordenave (2005 apud BOVÉRIO, 2016, p. 330), a comunicação é o canal pelo qual o homem se insere na sociedade, de modo que ela se apresenta como uma importante e essencial ferramenta nas relações entre indivíduos. E, quando olha-se para o conceito de

⁶ Disponível em:

<[Acesso em: 28 mar. 2023.](https://www.culturagenial.com/o-homem-e-um-animal-politico/#:~:text=Para%20Arist%C3%B3teles%20.> .</p>
</div>
<div data-bbox=)

comunicação que advém do termo latino *communicare*, ela tem o sentido de partilhar, participar de algo, tornar em comum” (MACHADO, 1995, p. 197 apud DIAS, 2015).

Sendo assim, por ser inerente à vida humana, ela tem o intuito de promover as interações sociais, sobretudo a relação social global. Ainda de acordo com Bordenave (2005, p. 28), a comunicação possui diversos efeitos, sendo dois deles: a função de relacionamento e a função informativa. A primeira função está relacionada à necessidade de o homem participar de grupos; a segunda, por sua vez, é referente ao conhecimento do homem acerca do mundo objetivo, ou seja, que depende de outros meios para se obter uma resposta. Desse modo, para esta última, o autor complementa:

Alguém poderia dizer que isto não é comunicação, mas apenas informação. Porém, se calcularmos quanto de informação do mundo chegou a nós através de outras pessoas ou de seus produtos (livros, história, imprensa, fotografias, etc.) veremos que a função informativa é uma função da comunicação. (BORDENAVE, 2005, p. 28)

É notório, à vista disso, que ambas as funções, relacional e informativa, estão interligadas, tal posto que, para haver uma troca de informações, é necessário que haja um relacionamento primeiro. Dessa forma, o ato de se comunicar se constitui como uma atividade, por meio do qual os indivíduos trocam informações entre si, suscitando uma vida em coletividade na qual todos podem colaborar e cooperar. Por conseguinte, ela se torna de vital importância para a integração e desenvolvimento de uma sociedade, pois ela está inserida em todos os contextos do cotidiano do homem, a saber, pessoal, digital, cultural, dentre outros. Sendo assim, Weiss et al. (2018) explica que:

Quando nos comunicamos compartilhamos algo e, por este ato de compartilhar ou comunicar, conhecemos e somos conhecidos. E, se somos conhecidos e conhecemos, estamos vivendo em relação, por isso a qualidade da nossa existência humana depende, e muito, de nossos relacionamentos. (WEISS et al., 2018, p. 20)

No entanto, embora existam diversos tipos de comunicação, como a verbal, não verbal, visual e escrita, diversos autores afirmam que a comunicação verbal é a melhor forma de construir relações (RELVAS, 1996, SOUSA, 2015 apud DIAS, 2015), assim dizendo, a linguagem verbal. Isso ocorre devido à abrangência de seus aspectos que envolvem uma maior abertura de espaço entre indivíduos para a transmissão de informações, possibilitando

saber o tom do locutor, a sua linguagem corporal, a clareza da sua fala, e sobretudo a escuta ativa.

Desse modo, a língua falada pode ser considerada como fundamental para a participação social efetiva, pois é através dela que o ser humano se comunica, estabelece relações e contribui para o desenvolvimento da sociedade. Por outra forma, pode-se dizer que a língua falada, uma forma de comunicação, irá promover interações entre indivíduos e, logo, integrá-lo em um ambiente social, tendo em mente que, a partir dessa integração, um indivíduo pode ser acolhido, dado que o acolhimento nada mais é do que uma atitude de inclusão.

Portanto, no cenário de refugiados e migrantes em solo brasileiro, observa-se a importância do processo de integração e acolhimento para esses, pois isso significa torná-los participantes da sociedade que eles escolheram para viver. Para tal finalidade, a aprendizagem do idioma local torna-se substancial para o viver coletivo e, por efeito, enquadra-se nesse contexto aulas que propiciarão para estes indivíduos a aquisição da nova língua, neste caso, o português.

Para esse processo, é imprescindível que essas aulas sejam eficientes quanto à promoção que levem os alunos, agora, alunos a compreenderem a nova realidade na qual estão inseridos. Entretanto, além da sociedade, os refugiados e migrantes também precisam estabelecer relações para trocar ideias e pensamentos com o professor, e, dessa maneira, é inevitável que haja um ponto em comum que sirva como uma ponte para que esses dois mundos distintos se conectem.

É, à vista disso, então, que a língua franca (LF) surge como uma ferramenta auxiliar para a integração e acolhimento, pois, por ser uma língua falada, ela contribui para a conexão entre povos de diferentes nacionalidades com primazia, sendo, assim, uma via para troca de informações, construção de relações sociais e aprimoramento para a sociedade.

3.1 O conceito de língua franca

Foi durante o século XII, na região do Mediterrâneo, com o crescimento do comércio que se tornou um atrativo para mercadores de diversos lugares para a realização de atividades de compra e venda, que a terminologia de LF apareceu, resultante de um emaranhado de idiomas que estavam sendo falados ao mesmo tempo. Em vista disso, iniciou-se um processo de convergência de línguas que acarretou no que ficou conhecido como língua franca

(*Frankish Language*) – “Franca” por ser o correspondente lexical em Italiano de “Frankish” (LOPES e BAUMGARTNER, 2019), o dialeto escolhido para intermediar a comunicação.

Em 1953, a UNESCO (1953, p. 46) pontuou a língua franca como uma língua “[...] que é usada habitualmente por pessoas cujas línguas maternas são diferentes, a fim de facilitar a comunicação entre elas.” E nessa mesma lógica, Seidlhofer (2005, p. 339) conceituou LF como “[...] uma ‘língua de contato’ entre pessoas que não compartilham uma língua nativa comum nem uma cultura (nacional) comum, e para as quais o inglês é a língua estrangeira escolhida para a comunicação” e que não impede “[...] a participação de falantes nativos de inglês na interação do ILF”, embora esse não seja os casos mais frequentes.⁷

Diante disso, podemos definir a língua franca como uma ponte que estabelece uma ligação entre dois pontos distintos separados, implementando uma comunicação entre eles. Em outras palavras, ela é a responsável por propiciar as relações entre sujeitos de diferentes nacionalidades mediante um objeto em comum, o idioma.

Nesse sentido, o cenário do surgimento da língua franca denota a sua função de fio condutor, no qual ela conectou, integrou e acolheu os comerciantes estrangeiros através da comunicação. É possível imaginar que, diante da situação em que estavam inseridos, a integração e a interação não existiam ou era um processo bastante dificultoso. Com o estabelecimento de uma língua em comum, presume-se que, tal como nos dias atuais, o comércio tenha melhorado, bem como a relação social global.

Levando isso em consideração, contemplam-se, ao longo da história, outras línguas que foram pontes para as relações humanas e são tidas como exemplos de LF. Para tanto, Byram e HU indicam que:

O latim, associado à ascensão do Império Romano, [que] se tornou a língua franca da Igreja Católica e de instrução, enquanto o Francês era a língua da diplomacia internacional, embora tenha sido amplamente substituído pelo Inglês. Na África oriental e central, o Swahili serve como língua franca; em muitas partes da África Ocidental, este papel é cumprido pelo Hausa [...]. Usado praticamente em todas as esferas da comunicação internacional, isto é, da política, do comércio, da indústria, da ciência, do entretenimento e da internet, o inglês é hoje a língua franca mais difundida do mundo. (2013, p. 519 apud LOPES e BAUMGARTNER, 2019, p. 4)

⁷ No original: “Although this does not preclude the participation of English native speakers in ELF interaction, what is distinctive about ELF is that, in most cases, it is ‘a ‘contact language’ between persons who share neither a common native tongue nor a common (national) culture, and for whom English is the chosen foreign language of communication.”

É indubitável que as línguas mencionadas figuram na função comunicativa e relacional, visto que serviram para o comércio, ciência, religião e, precipuamente, para facilitar o relacionamento com outras nações. Nos dias hodiernos, máxime, com a globalização que acarretou na aproximação das pessoas, tornando o mundo menor, não poderia ser diferente. O inglês é a língua do mundo, a peça essencial na engrenagem do pertencimento a uma coletividade e que denuncia o instinto de interação intrínseco do ser humano na sua busca por relações, assim, pois ela serve como uma língua-ponte, ou seja, uma ligação entre dois extremos que se conectam por intermédio da comunicação.

4 A ASCENSÃO DA LÍNGUA INGLESA

A Batalha de *Hastings*, dos ingleses contra os normandos, ocorrida em 1066, trouxe a vitória avassaladora da Normandia, a morte do comandante do exército inglês e um domínio de 200 anos sobre o reino da Inglaterra. De acordo com Block (2005, apud FIGUEIREDO, 2012), esse foi um momento que representou não somente a reorganização política, mas também os novos rumos que a língua inglesa tomaria. Assim, em tempo posterior, nas últimas décadas do século XVI, o inglês se tornava cada vez mais comum entre os cidadãos camponeses, mesmo que o idioma pós-batalha fosse o francês.

Quando os ingleses embarcaram nas suas primeiras tentativas de colonizar o Novo Mundo, ainda durante o século XVI, não levaram um grupo homogêneo, mas um grupo de pessoas consideradas indesejadas pela coroa britânica, foram as escolhidas para habitar este novo lugar. Acerca disso, Block diz que:

A própria companhia de Londres declarara, em 1625, que seu objetivo era: a remoção de sobrecarga de pessoas necessitadas, material ou combustível para perigosas insurreições e assim deixar ficar maior fartura para sustentar os que ficam no país. [...] A Inglaterra faria da colonização um meio de descarregar no Novo Mundo tudo o que não fosse mais desejável no Velho. (BLOCK, 2006 apud FIGUEIREDO, 2012)

Ao chegarem no Novo Mundo, especificamente nos EUA, os imigrantes que foram levados ocuparam diferentes partes do território americano, trazendo consigo suas culturas, elas acabaram sendo difundidas com a cultura do povo nativo e adaptadas à nova realidade e desse modo, a língua inglesa conseguiu se sobrepor mesmo a Inglaterra estando sob domínio dos normandos.

Já em meados dos séculos XVII e XIX, migrantes do Império Britânico levaram a língua inglesa para diversos lugares do mundo, tendo o ápice dessa expansão ocorrido no final do século XIX, quando a coroa ampliou seus domínios por colônias na África e no Pacífico Sul. Após isso, as ex-colônias do Império tornaram-se independentes e adotaram a língua inglesa como o idioma oficial ou co-oficial de seus territórios. Pois, “[...] uma língua global pode ser rastreada por meio das expedições bem-sucedidas de seus falantes soldados/marinheiros. [...] mas é preciso ser economicamente poderoso para mantê-lo e expandi-lo” (CRYSTAL, 2003, p. 9-10).⁸

Assim, nessa mesma perspectiva, Di Luccio (2010) evidencia que, embora as expedições dos colonizadores ingleses tenham tido bastante sucesso, não foi somente a presença deles que acelerou o domínio da língua inglesa no território americano. Para isso, outros meios precisaram ser utilizados para que a língua se propagasse entre outros povos. A respeito disso, a autora diz que:

A partir do século XIX, um número maciço de imigrantes dominou a América do Norte. Irlandeses, alemães, italianos e judeus europeus fugiam das revoluções que ocorriam em seus países. Desta forma, as diferenças culturais, econômicas e linguísticas aumentavam consideravelmente. A língua inglesa do colonizador era usada como a língua de comunicação entre os povos de culturas e línguas tão variadas como os que passaram a viver nos Estados Unidos. (DI LUCCIO 2010, p. 46)

No tocante à fala de Diluccio, observa-se que foram os imigrantes que difundiram a língua inglesa, pois, “não foi somente a Inglaterra que influenciou nas direções que a língua inglesa iria tomar na América e mais tarde nos Estados Unidos” (CRYSTAL, 2003, p. 35). Tendo em vista a grande mescla de culturas que estava se desenrolando nos EUA, somente um idioma era capaz de conectar esses povos, neste caso, a língua do colonizador, o inglês.

Ademais, Barros (2005) diz que ainda no início do século XIX, a Inglaterra alcançou grande poderio que acarretou o avanço da Revolução Industrial que, com suas novas tecnologias, resultou na consolidação do capitalismo e na expansão do imperialismo, tendo este coberto uma grande área geográfica e alastrando amplamente a língua inglesa. Assim, o século XX, conhecido como o século da grande modernidade, trouxe consigo a supremacia econômica dos Estados Unidos que, com sua grande força político-militar, a partir da Segunda

⁸ No original: “[...] a global language can be traced through the successful expeditions of its soldier/sailor speakers. [...] but it takes an economically powerful one to maintain and expand it.”

Guerra Mundial, apresentou novas tecnologias, fazendo com que o inglês se propagasse ainda mais. Concomitantemente, com as novas alianças internacionais sendo feitas e o domínio econômico dos EUA, a língua inglesa logo tornou-se predominante nos campos da política, economia, imprensa, propaganda, radiodifusão e entre outros aspectos da sociedade.

4.1 Fatores linguísticos e geopolíticos

Em virtude das expansões colonizadoras realizadas pela coroa britânica, a língua inglesa se espalhou ao redor do mundo e se tornou a língua oficial ou co-oficial de diversos países como os Estados Unidos, Austrália, Canadá, Nova Zelândia, África do Sul, entre outros. Contudo, em países onde o inglês não é a língua materna, Albrecht (2017, p. 43) menciona que estes ainda assim possuem o idioma como língua de poder, escolhida por ser proeminente na área dos negócios, comércio, indústria, cultura e política.

E, por ser tão difundido, o inglês é sempre o escolhido na hora da comunicação, isso porque:

Não há nenhuma categoria humana que não seja afetada pela universalidade da difusão da língua inglesa, nem mesmo as organizações terroristas. Neste caso, a instalação de redes é facilitada pela difusão do inglês. Não há como permanecer insensível ao inglês, exceto em países subdesenvolvidos. Falas de língua inglesa a homens e mulheres que não têm nenhuma relação com a economia de mercado não tem, claramente, sentido algum. (LE BRETON, 2005, p. 43 apud ALBRECHT, 2017, p. 43)

O inglês é uma língua que está presente em todos os campos sociais e a geopolítica que ele tem assumido atualmente é “um reflexo do triunfo político, econômico e cultural dos povos de língua inglesa” (BRETON, 2005, p. 12 apud ALBRECHT, 2017, p. 43). Desta maneira, é notório que a sua difusão não depende mais do fator das expedições e dominações territoriais, visto que na medida em que a sua influência cresce, o inglês torna-se cada vez mais estável na sua posição de língua global.

A língua inglesa refletiu, e consolidou, os avanços políticos, econômicos, inicialmente na Inglaterra, atualmente nos Estados Unidos. Estamos entrando em uma fase, não inteiramente nova, dissimulada pelo sucesso do inglês em função das realizações políticas, culturais, econômicas e sociais de países que praticam essa língua. Daqui por diante, a geopolítica do inglês é menos geográfica, menos

vinculada ao fenômeno do progresso econômico da Inglaterra e dos Estados Unidos. Ela traduz o surgimento de uma nova relação de forças, que não é simplesmente externa, como era antes e continua a ser, mas interior a cada uma das sociedades presentes, a cada uma das empresas atuantes que tenham atingido um volume que as tornará – ou será capaz de torná-las – internacionais. (LE BRETON, 2005, p. 21 apud ALBRECHT, 2017, p. 44).

Nota-se, diante disso, que a língua inglesa já não mais pertence ou precisa dos fatores geográficos para que sua propagação continue nos tempos atuais. O que antes era uma demonstração de poder e identidade nacional, agora é parte de um todo, isto é, de aspectos sociais que não pertencem somente a um único país, mas a um mundo que se apoderou do que é agora o instrumento da comunicação global para se conectarem e fazer movimentar aquilo que faz parte do convívio social, isto é, a economia, a cultura, a internet, a música, as pesquisas científicas, dentre outras esferas.

4.2 Inglês como língua franca

É notório que, com o advento da globalização, o inglês tem permitido conectar pessoas de diferentes culturas e nacionalidades ao redor do globo, isto porque ela tem servido de mediadora na comunicação entre esses indivíduos por figurar nos mais diversos campos sociais. Desse modo, “[...] pode-se afirmar que o inglês possui as características de uma língua intermediária, ou seja, uma língua-ponte, que permitirá às pessoas que não possuem a mesma língua materna, aprenderem um segundo idioma, tendo em comum a língua inglesa” (FIGUEIREDO, 2016, p. 6-7), e assim, pode-se defini-la como uma língua-ponte, ou seja, ela é “[...] o idioma estrangeiro aprendido anteriormente, que é o mais próximo do novo idioma-alvo, assume o papel de língua-ponte e funciona como uma espécie de matriz com a qual as novas estruturas e o léxico são comparados e contrastados” (JESSNER, 2008, p. 24)⁹. Em outras palavras, é “um idioma da comunicação internacional; uma língua franca” (BRIDGE LANGUAGE, 2014).

O conceito de Inglês como Língua Franca (ILF) ainda é novo dentro da esfera da Linguística Aplicada, tendo emergido no cenário mundial apenas há 40 anos e, desde então, sendo o foco permanente nos mais recentes estudos feitos por diversos linguistas. Neles são examinados a multiplicidade da língua inglesa em suas mais diferentes funções

⁹ No original: takes over the role of a bridge language and functions as a kind of matrix against which the new structures and lexicon are compared and contrasted.

desempenhadas no contexto social atual que teve como efeito a diminuição de barreiras geográficas e linguísticas, como explica Leffa:

Uma língua multinacional, como o inglês, caracteriza-se por não ter nacionalidade. Adapta-se como um camaleão não aos interesses da Inglaterra ou dos Estados Unidos, mas aos interesses das pessoas que a falam e que podem ser do Japão, da Suíça, ou mesmo do Brasil. Pode ser a língua da Internet, da Globalização ou do capitalismo, mas não é a língua de um determinado país. (LEFFA, 2001, p. 346 apud LADEIA, 2019, p. 28-29)

Em outras palavras, devido à sua grande influência firmemente estabelecida na cultura e na sociedade mundial, o inglês está cada vez mais firmado no vocabulário cotidiano das pessoas ao redor do mundo resultando, assim, na quase exclusão total dos falantes nativos dito que “[a]s interações do ILF são definidas como interações entre membros de duas ou mais *linguaculturas* diferentes em inglês, para quem o inglês não é a língua mãe” (HOUSE, 1999, p. 74 apud SEIDLHOFER, 2004, p. 211).¹⁰

A língua inglesa, desta maneira, é considerada, por muitos estudiosos, uma língua descolonizada e desterritorializada, isto é, o falante nativo já não é mais tão relevante dentro do cenário mundial (SIQUEIRA, 2018, p. 95). A explicação desse fenômeno vem da sua função como língua das trocas sociais e das relações intra e intercontinentais por ter se tornado o idioma mais falado, como continua pontuando Leffa sobre o inglês:

[É] a língua estrangeira mais estudada no mundo. Há uma série de fatos que contribuem para isso, entre os quais podemos destacar os seguintes: (1) o inglês é falado por mais de um bilhão e meio de pessoas; (2) o inglês é a língua usada em mais de 70% das publicações científicas; (3) o inglês é a língua das organizações internacionais. A razão mais forte, no entanto, é o fato que o inglês não tem fronteiras geográficas. Enquanto que o chinês, por exemplo, também é falado por mais de um bilhão de pessoas, a língua chinesa está restrita à China e alguns países vizinhos. O inglês, por outro lado, é não só declaradamente a língua oficial de 62 países, mas é também a língua estrangeira mais falada no mundo. O inglês é provavelmente a única língua estrangeira que possui mais falantes não nativos do que nativos. (LEFFA, 2001, p. 346 apud SIQUEIRA e BARROS, 2013, p. 8)

¹⁰ No original: “ELF interactions are defined as interactions between members of two or more different linguacultures in English, for none of whom English is the mother tongue.”

Atualmente, segundo Pederson (2011), o número de falantes não-nativos do inglês superam os nativos, sendo três não-nativos para um nativo¹¹, tamanha a sua disseminação. E, embora os falantes nativos da língua inglesa possuam seus próprios interesses e privilégios por ter suas raízes praticamente fincadas ao imperialismo norte-americano, no cenário mundial, ela ganha uma existência à parte por ser, agora, desterritorializada, pois agora pode se adaptar aos mais diferentes quadros vividos por quem faz uso do idioma como mediador da comunicação, embora ainda se ouça falar na dicotomia entre o inglês britânico e americano.

De modo geral, tais características constituem o ILF como multifacetado, tendo em vista que ele está presente em ambientes multi-étnicos de trabalho e foi estabelecido em cenário de guerra, colonialismo, escravidão e migrações (SANKOFF, 2002 apud FRIEDRICH e MATSUDA, 2010, p. 21). A partir disso, podem ser atribuídas ao ILF outras definições, como:

“[...] uma utilidade para contextos multiculturais entre pessoas de diferentes perfis linguísticos.” (MODIANO, 2009, p. 212 apud SIQUEIRA e BARROS, 2013, p. 11)

“Uma língua que se adapta às necessidades globais de seus usuários.” (COOK, 1999, p. 185 apud SIQUEIRA e BARROS, 2013, p. 11)

E ainda, “Uma língua em constante transformação, marcada pelo hibridismo e movida pelo desejo de se comunicar” (RAJAGOPALAN, 2011, p. 47 apud SIQUEIRA e BARROS, 2013, p. 11). O inglês tornou-se, portanto, uma poderosa ferramenta a ser adquirida na comunidade internacional, pois trata-se de uma língua com diversas facetas que contribuem para a comunicação de um grupo de indivíduos cujos idiomas são diferentes. No contexto de refugiados e migrantes, a sua imprescindibilidade é ainda mais indubitável, já que durante o processo migratório o inglês, de longe, é a língua mais utilizada para estabelecer conexões, sendo, de fato, colocada como a ponte para firmar a comunicação e ajudar na aprendizagem da língua do país acolhedor.

5 PROJETO REFUGIADOS E MIGRANTES NA PARAÍBA: ACOLHER E INTEGRAR

¹¹ No original: “Most of these interactions [in English as a lingua franca] occur amongst non-native speakers of English, as they currently outnumber native speakers 3:1.”

Como já mencionado anteriormente, o projeto de extensão da UFPB “Refugiados e Migrantes na Paraíba: acolher e integrar” criado em 2018 com a iniciativa do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (DLEM) e vinculado ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), foi desenvolvido com a finalidade de oferecer cursos gratuitos de Português como Língua de Acolhimento aos migrantes e refugiados.

A PLAC, de acordo com Grosso (2021), se constitui como uma língua que busca atender às necessidades urgentes que fazem parte da realidade do seu público-alvo. Os migrantes e refugiados quando chegam ao Brasil se deparam com diversos desafios, e o professor “[...] como ator social, desenvolve uma abordagem orientada para a ação e leva em linha de conta os recursos cognitivos, afetivos, volitivos e o conjunto das capacidades que possui, recursos úteis para melhor compreender o seu público aprendente” (ibid., p. 16).

Entender o idioma do país acolhedor vai muito além de ser somente mais uma língua na vida do seu aprendiz. Para os refugiados e migrantes, ela possui um significado que envolve a sua vida por inteiro em todos os aspectos, pois “conhecer a língua do país de acolhimento é uma condição necessária e indispensável para o indivíduo ser autônomo e também condição de desenvolvimento pessoal, familiar, cultural e profissional, pois o seu desconhecimento constitui uma desigualdade” (CALDEIRA, 2012, p. 44). A língua de acolhimento, então, busca a socialização da população migrante porque é ela quem vai conectá-los à sociedade onde agora estão inseridos.

Dessa forma, não se deve ignorar o papel da Política Linguística, pois ela está estritamente ligada às Políticas Públicas, pois ao exemplo de situações como a do nigeriano mencionado no capítulo 1 serão evitadas, pois quando a questão do idioma é levada em consideração, tendo em mente que ela é um fator de impedimento do migrante aos seus direitos, será trabalhado o desenvolvimento de projetos como o REFMI para trazer melhorias a essa problemática.

Para a OIM (2009), a integração é um processo que tem diversos responsáveis como o próprio imigrante, o governo, as instituições e a comunidade. Dessa forma:

A sociedade que acolhe tem de ser capaz de corresponder a estas necessidades e dificuldades, ajudando o imigrante a ultrapassar os problemas linguísticos. Para a integração do imigrante é necessário valorizar o ensino do português, investir em cursos, desenvolver a interculturalidade, dinamizar a diversidade cultural, promover o diálogo inter e multicultural. Assim, a integração irá evoluir de forma positiva se os imigrantes forem conhecedores da língua de acolhimento. (CALDEIRA, 2012, p. 54)

Em concordância com Martinez e Hernández (apud AMADO, 2013, p. 7), além dos aspectos linguísticos, os aspectos psicológicos e sociais também devem ser levados em consideração, pois isso também pode servir como uma barreira para a aprendizagem da língua acolhedora, e nesse âmbito é fundamental que “[...] o ensinante esteja consciente das competências que tem como ator social e que saiba como o ensino-aprendizagem da língua as pode desenvolver ou transformar” (Conselho da Europa, 2001, p. 31 apud GROSSO, 2021, p. 17).

À vista disso, o REFMI, para assegurar a sua atuação, conta com dois eixos nos quais se alicerça: o primeiro faz referência às políticas linguísticas, isto é, o ensino de português como língua adicional, e às trocas culturais entre os refugiados e os professores da UFPB. O segundo, por sua vez, faz referência à necessidade de políticas locais de acolhimento e integração, como a promoção de campanhas de doação de roupas, alimentos, equipamentos de proteção individual, dentre outros.

Ademais, o projeto também tem procurado atender às necessidades trazidas pelos alunos que vão desde a procura por um emprego à tradução de documentos, bem como a revalidação de diplomas de graduação. Como resultado, o projeto já traduziu, desde o início das suas atividades, mais de 40 documentos de refugiados, como por exemplo uma carteira de motorista, que foi feita através de uma parceria com o Departamento Estadual de Trânsito (Detran).

Diante disso, o projeto conta com seis turmas com capacidade para até doze alunos cada, no qual quatro delas são destinadas a falantes de espanhol, uma para os falantes de inglês e uma para chineses. Em decorrência da crise econômica instaurada na Venezuela, os venezuelanos compõem a maior parte do grupo em razão das atividades de interiorização destes migrantes por todo o território nacional, contudo, há estudantes de outras nacionalidades latinoamericanas, além de turcos, iranianos, paquistaneses, canadenses e egípcios.

E, embora a sua criação tenha sido direcionada a migrantes e refugiados residentes na Paraíba, o projeto conseguiu captar outro público-alvo em virtude de possuir aulas online que são frequentemente divulgadas nas mídias sociais. Como efeito, além de estudantes que habitam em terras paraibanas, o projeto também abraça estudantes que moram em outros estados do Brasil, a saber, Santa Catarina e Paraná, além de outros que ainda estão em seu país natal passando pelo processo de mudança.

5.1 A turma para falantes de inglês

A turma para falantes de inglês foi formada em razão da grande demanda pelo curso de português por não-falantes de espanhol, que a princípio era o público-alvo do projeto. A turma compõe-se, então, com alunos de diferentes países, como o Irã, Egito, Paquistão e Canadá. E, em consequência da maior parte não residir na Paraíba, as aulas são feitas no formato remoto por meio da plataforma *Google Meet*, sendo realizadas uma vez por semana na terça-feira, das 16h às 17h30. Além disso, o uso do aplicativo *Whatsapp* também é frequente para a interação dos alunos e trocas de ideias com a professora.

Para tal propósito, materiais como slides, vídeos, apostilas, áudios e músicas são utilizados para tornar a aula mais interativa e abrangente com relação à diversificação de metodologias. Nas aulas também são feitos momentos de conversação e dinâmicas para praticar a língua-alvo, pois os diferentes contextos em que cada aluno se encontra são levados em consideração, e os temas abordados estão em consonância com a necessidade de seus conhecimentos, indo da gramática a questões sobre os seus direitos enquanto refugiados e migrantes no Brasil, ocorrendo uma troca de experiências, hábitos, costumes e práticas culturais, e, consequentemente, um aumento significativo na interação, onde os alunos se sentiram mais entusiasmados ao compartilhar com o professor e aspectos de seu país natal.

Por compreender mais de três idiomas distintos, a língua inglesa tornou-se uma ferramenta necessária para a ministração das aulas, em que ela tem o objetivo de mediar o diálogo entre professor e aluno e simplificar a explanação do conteúdo, pois, dentro desse cenário, é necessário que haja “[...] habilidades de comunicação e de um idioma que possa fazer a ponte. Assim, o inglês vem imediatamente à mente de todos, porque é o único idioma que é lido, escrito e falado em quase todos os países do mundo” (MITTAL, 2015, p. 132).¹²

Contudo, as aulas são ministradas majoritariamente em português, sendo inglês o idioma ponte, pois à medida que os alunos vão avançando, o uso da língua inglesa vai sendo menos frequente, e por estarem entre o nível básico e intermediário, há uma constante intercalação entre os dois idiomas.

A língua inglesa é, então, usada nos assuntos de maior complexidade. Graças ao seu status de língua franca, ela possibilita a comunicação intercultural entre pessoas de diferentes países facilitando a quebra da barreira linguística, e por seu status “[...] se tornou a ponte entre

¹² No original: “[...] communication skills and a language which can play a bridge. So, instantly English comes in the mind of every one because English is the only language which is read, write and spoken in almost all the countries of the world.”

as culturas, portanto, traduzir do e para o inglês para qualquer língua materna se tornou uma necessidade” (HAN, 2013, p. 213).¹³

6 ENTREVISTA COM OS ALUNOS

Uma vez entendendo que a língua inglesa é parte essencial da sociedade do século XXI e que a comunicação é um caminho para a integração na sociedade, buscou-se, dentro da abordagem qualitativa, uma forma de construir bases teórico-metodológicas para levantar dados e interpretá-los. A partir disso, foi utilizada a pesquisa empírica para aplicar e solucionar o problema do trabalho que consiste em responder de que maneira o inglês pode promover e facilitar a integração, o acolhimento e o ensino do português para refugiados e migrantes no Brasil.

Foi realizada uma entrevista focalizada e registrada por meio da plataforma *Google Meet* com os alunos da turma para falantes de inglês que possuem familiaridade com o objeto investigado, com a pretensão de colher dados através das respostas dos entrevistados que foram submetidos a perguntas acerca da presença da língua inglesa tanto durante as aulas quanto em sua vida social. As respostas obtidas vieram de suas próprias experiências para que se pudesse comprovar o problema que norteia a pesquisa, não havendo, assim, interferência nas respostas dos alunos por parte da entrevistadora.

Diante disso, foram entrevistados os quatro alunos participantes da turma para falantes de inglês, tendo seus nomes mantidos em sigilo para preservação de sua identidade.

No quadro a seguir constam as principais informações dos participantes:

Tabela 1 – Principais informações sobre os alunos entrevistados

Nome	Nacionalidade	Línguas	Profissão	Status
A1	Iraniano	Persa e Inglês	Engenharia de Minas	Imigrante
A2	Canadense	Inglês e Francês	Programador	Imigrante
A3	Paquistanês	Pashto, Urdu, Inglês, Panjabi, Sindi, Seraiki, Balochi e Híndi	Enfermagem	Imigrante

¹³ No original: “English has won the status of the language which today has become the bridge between cultures, therefore translating in and from English into any mother tongue has become a necessity. (HAN, 2013, p. 213)”

A4

Egípcio

Árabe e Inglês

Serviço Social Imigrante

Fonte: O autor

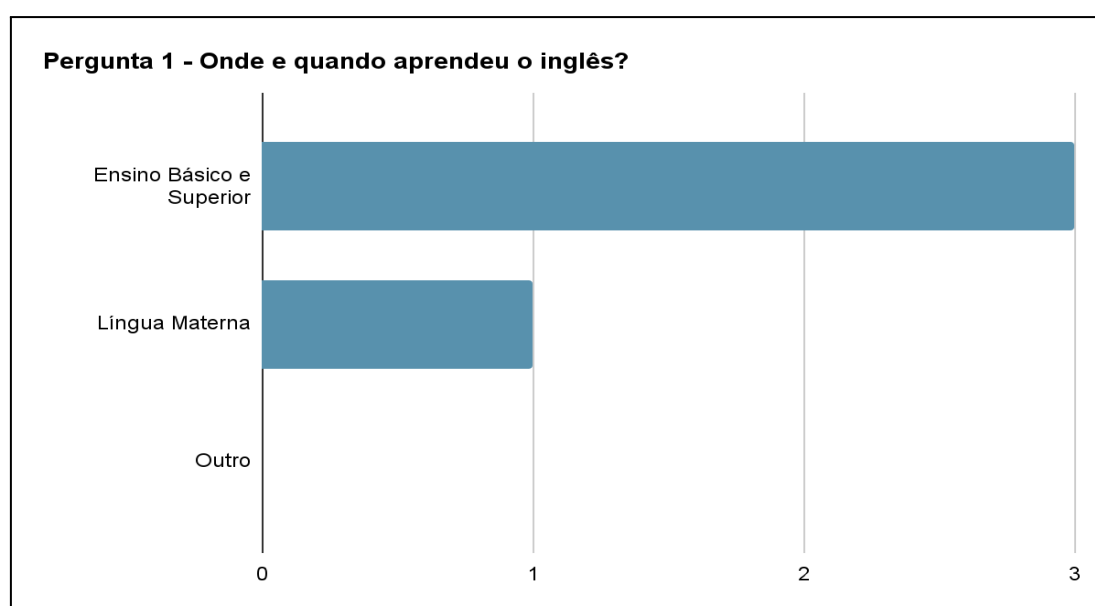
As informações presentes na Tabela 1 nortearão na compreensão das perguntas e respostas durante a apresentação e análise dos resultados na seção a seguir, de forma que pela nacionalidade, língua e profissão dos alunos, as análises apontarão para a compreensão da literatura.

6.1 Resultados e análise dos dados

A seguir, serão apresentados e analisados os resultados da entrevista referente à investigação da atuação da língua inglesa no campo pessoal e social da turma para falantes de inglês do Projeto REFMI. Para identificá-los, considere, portanto, a letra “A” para aluno, juntamente com um número que vai de um a quatro, seguido da nacionalidade.

A primeira questão tinha como objetivo verificar a presença do inglês na vida dos alunos, isto é, de que forma ela foi adquirida. Dos quatro participantes, três (75%) responderam que aprenderam ao longo do ensino básico e superior, e apenas um (25%) a possui como língua materna, conforme ilustra o Gráfico 1 e as respostas dos alunos propriamente dita:

Gráfico 1 – Aprendizagem do inglês



Fonte: O Autor

A1 Iraniano: “Quando fui [estava] na school, nós temos um livro para inglês, para arabico [árabe], história, leitura, para religião. Quando foi na escola, eu aprendi inglês, mas, essa inglês não foi muito grande, só uma hora/duas horas para semana e foi basic, very basic que eles falar com nós o que: “she has, she is, she in, she goes, she comes...” like this. [...] Nós aprendemos inglês na escola e na high school.”¹⁴

A2 Canadense: “Língua materna”.

A3 Paquistânês: “I learned English when I was in class 5, in 2006, in school.”¹⁵

A4 Egípcio: “In my school and university.”¹⁶

O perfil de grande parte dos que daqueles que vêm do continente africano ou da Ásia, é bilíngue ou multilíngue, sendo o inglês o idioma que aparece com maior frequência nas nacionalidades citadas (AMADO, 2013). Isto ocorre porque, por não ter fronteiras geográficas, a língua inglesa é a mais falada em todo o mundo, sendo a língua oficial de 62 países, o que significa que para cada falante nativo há três não-nativos (PEDERSON, 2011).

O Gráfico 1 mostra que três alunos aprenderam a língua inglesa ao longo de sua vida, iniciando-se na infância e percorrendo até a vida adulta, e apenas um deles possui como língua materna que é o aluno canadense. Ao longo do referencial teórico, vê-se que não há, praticamente, nenhuma esfera que não seja atingida pela universalidade da língua inglesa (LE BRETON, 2005). São 62 países que a têm como idioma oficial, diferentemente da língua materna dos alunos A1, A3 e A4 que estão “presas” em uma região, afirmando, então, a propagação do inglês como a língua mundial que está presente em todos os campos sociais da vida humana.

Admite-se, então, que essa é uma característica forte que se faz presente nos refugiados e migrantes que estende para além dos continentes mencionados, de serem bilíngues ou multilíngues, e em todos a presença do inglês é a mais acentuada, exatamente o que aponta a literatura. (AMADO, 2013).

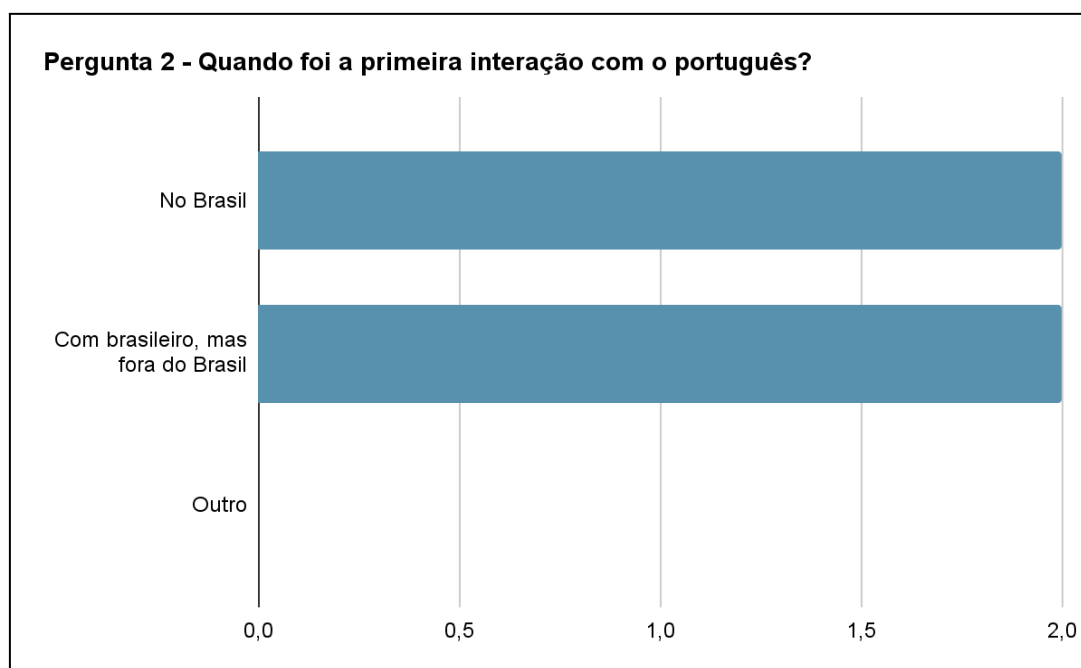
Em seguida, ao serem perguntados sobre a sua primeira interação com a língua portuguesa, dois alunos (50%) responderam que tiveram o primeiro contato antes de vir ao Brasil com algum brasileiro que conheceram, e dois (50%) ao chegarem no país, como evidencia o Gráfico 2, bem como informam A1, A2, A3 e A4:

¹⁴ “Quando eu estava na escola, tínhamos um livro de inglês, de árabe, de história, de leitura e de religião. Quando estava na escola, aprendi inglês, mas esse inglês não era por muito tempo, apenas uma hora/duas horas por semana e era básico, muito básico, eles nos ensinavam: “ela tem, ela é, ela está, ela entra, ela vai, ela vem...” assim. [...] Aprendi inglês na escola e no ensino médio.”

¹⁵ Tradução: “Aprendi inglês quando estava na 5ª série, em 2006, na escola.”

¹⁶ Tradução: “Na minha escola e universidade.”

Gráfico 2 – Primeira interação com o português



Fonte: O autor

A1 Iraniano: “Quando eu vou [fui] no Brasil, pessoa que foi me buscar speak¹⁷ português. Eu começar com você porque in the beginning¹⁸, eu não saber português, mas quando, por example, duas pessoas vai dizer, eles say “oi, bom dia” “oi, como vai você?”, eu saber que esse é “hi, good morning” ou “hi, how are you?”. [...] Quando eu cheguei Brasil, eu entender portuguese, before¹⁹ zero.”

A2 Canadense: “I guess it would be around March of last year (2022) with my partner, before that I didn’t really not know much about Portuguese, like almost zero. Nada.”²⁰

A3 Paquistânês: “With my wife in 2017 because I started to watch some radio about Portuguese from Brazil.”²¹

A4 Egípcio: “2010, primeira vez que visito Brasil.”

Um dos principais obstáculos enfrentados pelos migrantes e refugiados ao chegarem em um novo país é o idioma, ou seja, a barreira linguística. Sem o conhecimento da língua do país acolhedor, pode surgir a privação de acesso aos direitos, como informa a Secretaria de

¹⁷ Tradução: “[...] fala”

¹⁸ Tradução: “[...] no início”

¹⁹ Tradução: “[...] antes”

²⁰ Tradução: “Acho que foi por volta de março do ano passado (2022) com a minha parceira, antes disso eu realmente não sabia muito sobre português, quase nada. Nada.”

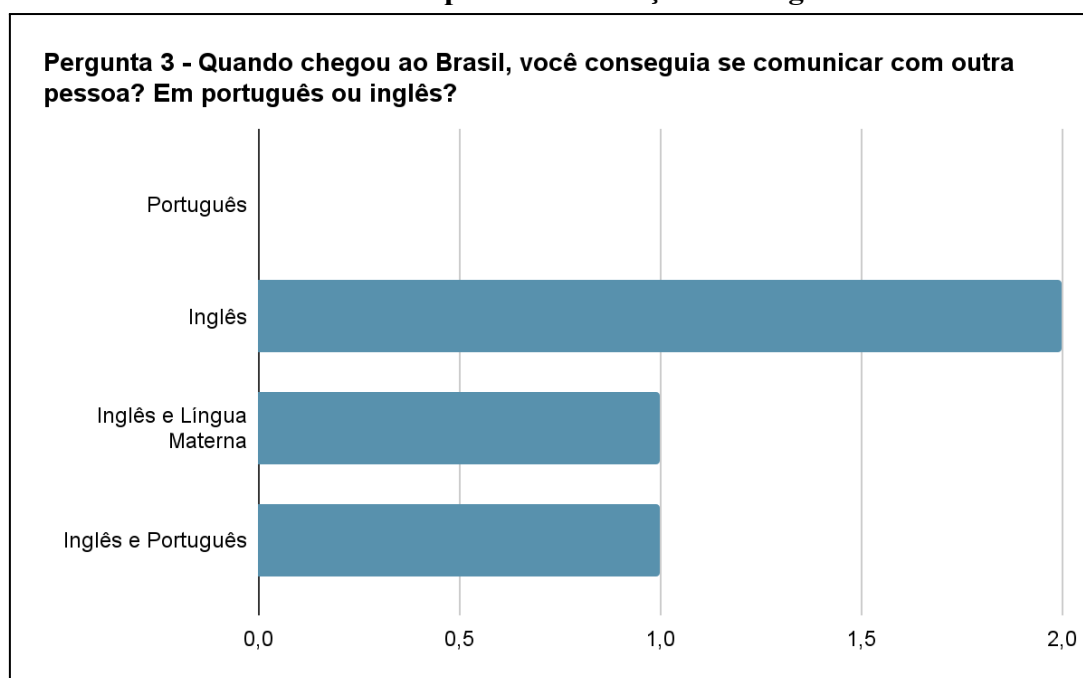
²¹ Tradução: “Com minha esposa em 2017, porque comecei a assistir a algumas rádios sobre o português do Brasil.”

Assuntos Legislativos do Ministério da Justiça (SAL/MJ) em parceria com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), pois o conhecimento da língua do país acolhedor é imprescindível para a integração na sociedade (OLIVEIRA, 2010). Outrossim, para se integrar, é necessário que haja interação e esta só pode ser compreendida dentro de uma relação bidirecional (GROSSO, 2010).

Ao chegarem em terras brasileiras, dois alunos já tinham tido contato com a língua portuguesa, mas não conheciam o suficiente para manter uma conversa, já os outros dois só tiveram a primeira interação no Brasil. Com isso, vê-se a necessidade de haver uma língua em comum para fazer uma ponte entre duas ou mais pessoas para que se concretize relação durante o ato comunicativo que tem o sentido de partilhar informação e tornar em comum (MACHADO, 1995), pois a comunicação, como já apresentada, permite e possibilita a interação entre duas ou mais pessoas.

No que tange à escolha do idioma para a comunicação no Brasil, dois alunos (50%) responderam que só falavam inglês, enquanto que um aluno (25%) misturava o inglês e o português com a esposa e utilizava somente o inglês no dia a dia, e o outro (25%) que se comunicava em inglês e sua língua materna, o árabe, como aponta o Gráfico 3:

Gráfico 3 – Idioma para comunicação ao chegar no Brasil



Fonte: O autor

A1 Iraniano: “Todo o tempo eu falar em inglês com outra pessoa que foi no Brasil. No portuguese, zero. Pessoa que na lá [que estavam com ele], eles não saber muito palavra do

inglês. Mesmo quando foi no lugar [...] não pode falar inglês, ele não entender zero, mas um palavra em inglês. Mas eu tenho que falar inglês, não português.”

A2 Canadense: “[I speak] with friends here, most of them know english.”²²

A3 Paquistanês: “No, eu fala inglês porque eu não falava português nada. With other people I talked in portuguese how much as possible, qualquer possibilidade de falar português pra mim, eu falo. Eu não entendia nada, eu falava pra outra pessoa “eu não entender nada” “eu não falar português muito.” Com a minha esposa mais ou menos inglês, mais ou menos português.”²³

A4 Egípcio: “Yes, my work I use english. Here in Brasil people speak English with me. Meus amigos no Belém do Pará fala árabe, ajuda-me, eles são do Marrocos.”²⁴

Por ser intrinsecamente um ser social, o homem está sempre tentando se comunicar com outros indivíduos (BOVÉRIO, 2016), sendo parte de sua natureza buscar a coletividade para que possa manter a sua sobrevivência, conforme dito pelo filósofo grego Aristóteles. Sendo assim, por possuir o dom da linguagem, é a comunicação que vai ser o canal de inserção do homem na sociedade (BORDENAVE, 2005).

Com base nisso, é possível observar que ao chegarem no Brasil, nenhum dos alunos conseguia usar a língua portuguesa, pelos menos em sua totalidade, para conversar com brasileiros. Diante dessa situação, eles recorreram a outra via para efetivar a comunicação, a saber, a língua inglesa. Afirma-se, assim, que os efeitos relacional e informativo produzidos pelo ato comunicativo é capaz de construir relações (BORDENAVE, 2005), dado que esse aspecto faz parte do processo de desenvolvimento do homem.

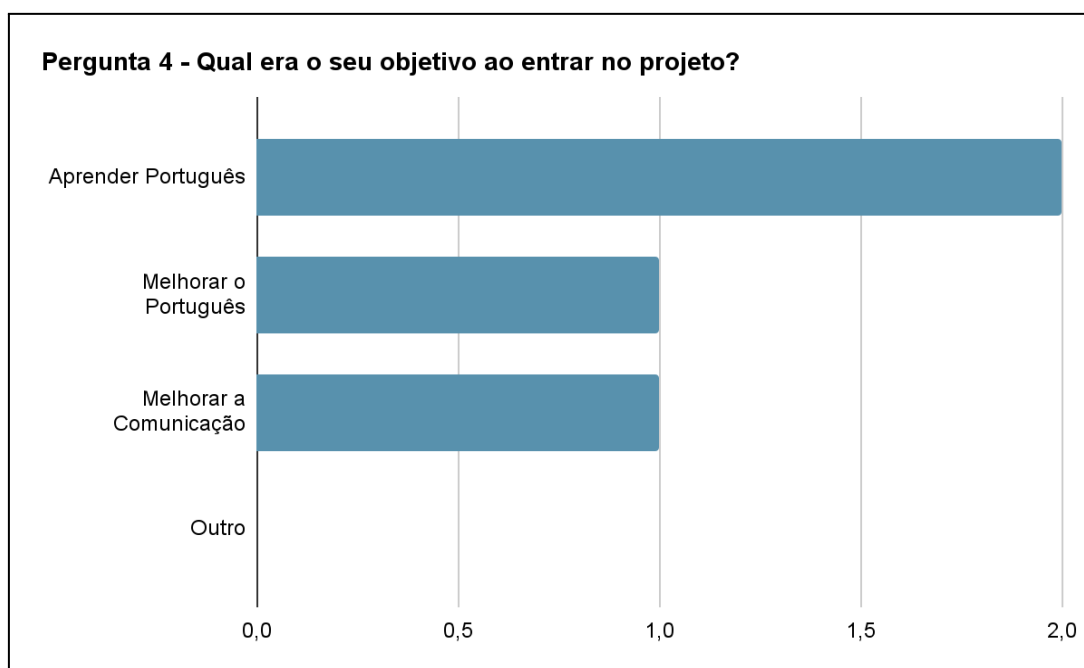
Logo após, ao serem questionados sobre o seu objetivo quando ao ingressar no projeto Refugiados e Migrantes na Paraíba: acolher e integrar, dois alunos (50%) responderam que aprender o português, um aluno (25%) respondeu que queria melhorar o português e um aluno (25%) queria melhorar a comunicação, tal qual demonstra o Gráfico 4 e a argumentação deles:

²² Tradução: “[Eu falo] com amigos aqui, a maioria deles sabe inglês.”

²³ Tradução: “Não, eu falo inglês porque eu não falava português de jeito nenhum. Com outras pessoas eu falava em português o máximo possível, qualquer possibilidade de falar português, eu falava. Eu não entendia nada, eu falava para outra pessoa “eu não entendo nada” “eu não falo muito português”. Com minha esposa, mais ou menos inglês, mais ou menos português.”

²⁴ Tradução: “Sim, no meu trabalho eu uso o inglês. Aqui no Brasil as pessoas falam inglês comigo. Meus amigos do Belém do Pará falam árabe, me ajuda, eles são do Marrocos.”

Gráfico 4 – Objetivo ao entrar no projeto



Fonte: O autor

A1 Iraniano: “eu quero entender, aprender português. Eu muito gosto de saber português, é muito bom para mim falar outra língua.”

A2 Canadense: “to improve my Portuguese and to get some deep understanding of grammar.”²⁵

A3 Paquistanês: “I want to learn Portuguese, because in Brazil the most important thing if you don’t se você não fala Português, não tem trabalho. Aqui eu não tenho amigos porque não falo português, o pessoal tudo não fala inglês. Mais ou menos, eu dirigindo uber, três pessoas vem falar português. I’m a silent cloud.”²⁶

A4 Egípcio: “To be perfect to communicate com empresas.”²⁷

O Projeto REFMI tem como um dos seus principais objetivos oferecer cursos gratuitos de Português como Língua de Acolhimento. A PLAC, por sua vez, tem o intuito de atender às necessidades urgentes dos refugiados e migrantes, no qual serão compreendidos os aspectos cognitivos, afetivos e volitivos (GROSSO, 2021). Ainda, ter o conhecimento da língua do país acolhedor, neste caso o português, é necessário para que o público que está a

²⁵ Tradução: “Para melhorar meu português e obter um entendimento profundo da gramática.”

²⁶ Tradução: “Eu quero aprender português, porque no Brasil o mais importante é que se você não falar português, você não tem emprego. Aqui eu não tenho amigos porque não falo português, todo mundo não fala inglês. Mais ou menos [às vezes], eu estou dirigindo um uber, vêm três pessoas para falar português. Eu sou uma nuvem silenciosa.”

²⁷ Tradução: “Ser perfeito para se comunicar com as empresas.”

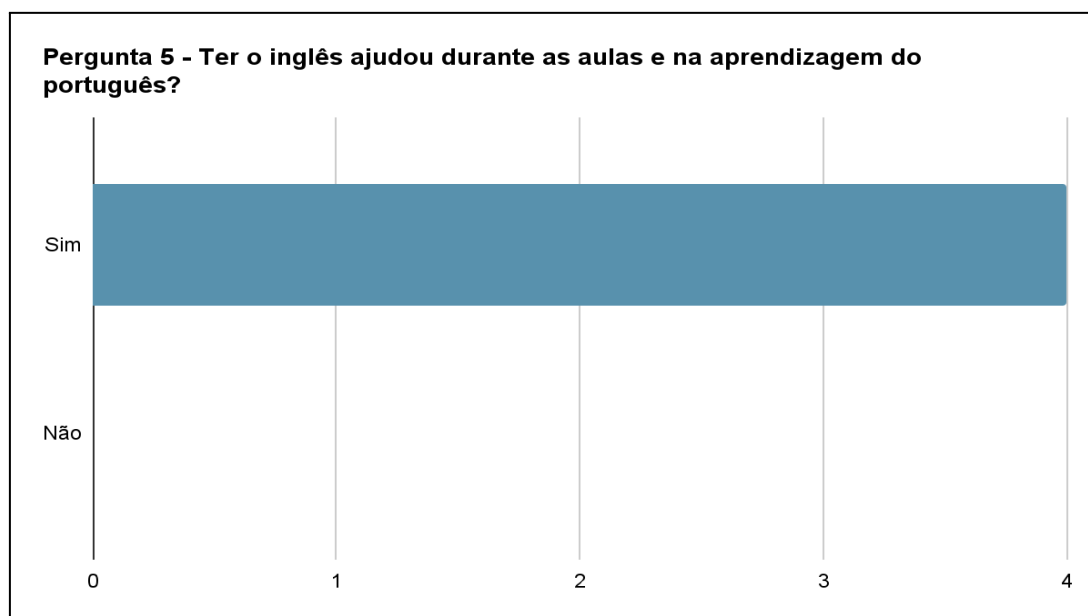
aprendendo possa ser autônomo e poder desenvolver-se pessoal, familiar, cultural e profissionalmente (CALDEIRA, 2012).

Ao olhar no Gráfico 4, nota-se que os quatro alunos tinham objetivos semelhantes: melhorar a comunicação/português e aprender, do zero, a língua. O aluno A3, em sua resposta, mostra as consequências, em sua vida, de não saber a língua portuguesa. Ele é enfermeiro, mas não trabalha na profissão por não saber falar português, assim como não tem amigos pelo mesmo motivo, assim se autodenominando uma “nuvem silenciosa”. Diante disso, devemos levar em consideração, além dos aspectos linguísticos, os aspectos psicológicos e sociais (MARTINEZ e HERNÁNDEZ).

Certifica-se, portanto, que o papel da Política Linguística está ligada diretamente ao desenvolvimento das Políticas Públicas (OLIVEIRA e SILVA, 2017). Isto porque para a integração na sociedade deve ser levado em conta o ensino do português, a interculturalidade, diversidade cultural, bem como o diálogo inter e multicultural (CALDEIRA, 2012).

Em seguida, os alunos foram questionados se a língua inglesa ajudou durante as aulas, como ela ajudou na aprendizagem da língua portuguesa. Unanimemente, todos (100%) responderam que sim, conforme está no Gráfico 5 e na resposta completa dos alunos:

Gráfico 5 – Como o inglês ajudou



Fonte: O autor

A1 Iraniano: “Absolutely yes. Para esse tempo sim. Eu não saber uma palavra em português e se falar [falasse] em inglês, eu entender, se você falar em português, eu não entender [...] Eu pedia para você “por favor, fazer [a aula] em dois línguas”. Falar em inglês

para entender mais. Eu penso que entender inglês ajuda entender português. Você não pode falar persa. Nós sabemos que inglês é língua do mundo, porque inglês é mais fácil para aprender. Porque inglês é língua do mundo, eu penso que todas pessoas que querem falar outro língua, tem que saber, they should know inglês.”²⁸

A2 Canadense: “Yes, as a native English speaker I have to use my language to understand portuguese. English helped me in some words, but my French helped me more with masculine and feminine.”²⁹

A3 Paquistânês: “Sim, because sometimes when we don’t understand of course we can talk in English. It helped. Whenever I use some app or something I understand. [...] eu escrevo em inglês no tradutor e traduzo para o português.”³⁰

A4 Egípcio: “Yes. When I translate to português to arabic, when I use Google translate, it’s different, não dá accuracy, não 100%. I use português to inglês.”³¹

A língua inglesa teve a sua ascensão a partir da colonização britânica ao redor do mundo, principalmente ao chegar nos EUA, onde a sua disseminação foi ainda mais rápida, em razão dos imigrantes que chegaram ao território norte-americano e que a utilizaram como a língua de comunicação entre eles (DI LUCCIO 2010). Além disso, o seu domínio econômico também foi um grande contribuidor para a expansão do idioma, pois o inglês passou a fazer parte de vários campos sociais, sendo este um importante requisito para que uma língua se torne global (CRYSTAL, 2003).

Fundado nisso, constata-se que o inglês como língua mundial ajudou, efetivamente, os alunos na aprendizagem do português. O aluno A1 dá um exemplo prático ocorrido em sala de aula, onde há mais de quatro idiomas presentes. A sua língua materna é o persa, falada somente em uma região específica do mundo, logo, ela não pode ser a língua de comunicação dentro de sala, diferentemente do inglês. Dessa forma, é o inglês que irá ajudá-lo na aquisição do português dentro do projeto. O aluno A2, por sua vez, mostra que o seu conhecimento em outro idioma, principalmente em um que tem a mesma origem da língua portuguesa, o ajudou a entendê-la melhor, uma discussão também presente no Gráfico 1.

²⁸ Tradução: “[...] eles deveriam saber inglês.”

²⁹ Tradução: “Sim, como um falante nativo de inglês, tenho que usar a minha língua para entender o português. O inglês me ajudou em algumas palavras, mas o francês me ajudou mais com masculino e feminino.”

³⁰ Tradução: “Sim, porque às vezes, quando não entendemos, é claro que podemos falar em inglês. Isso ajudou. Sempre que eu uso algum aplicativo ou algo assim, eu entendo. [...] eu escrevo em inglês no tradutor e traduzo para o português.”

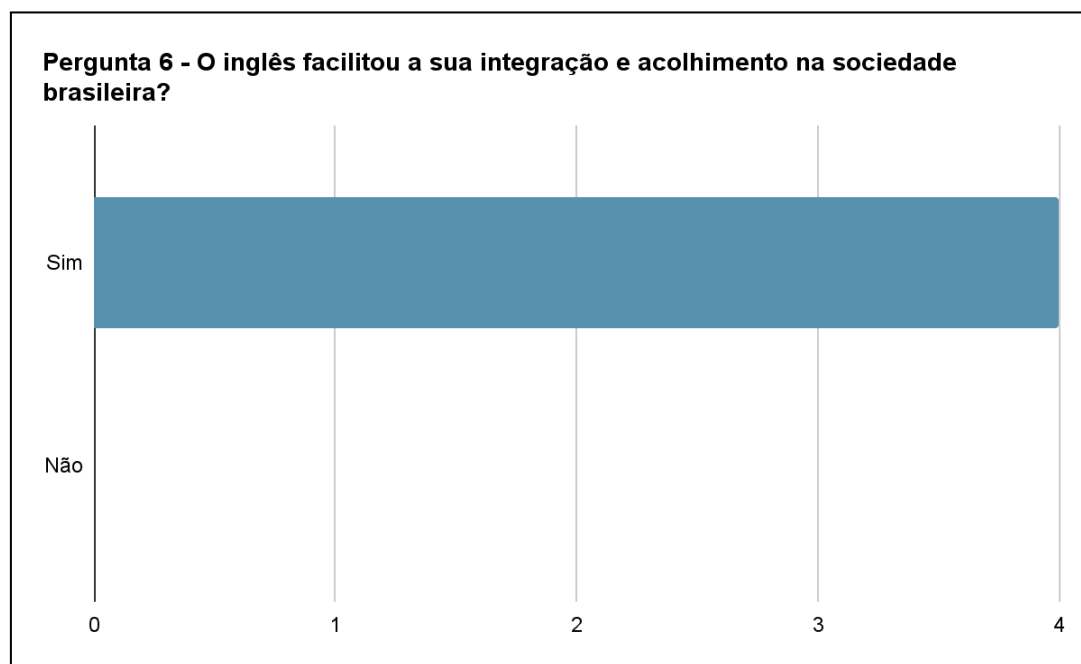
³¹ Tradução: “Sim. Quando eu traduzo do português para o árabe, quando eu uso o google tradutor, é diferente, não dá precisão, não é 100%. Eu uso do português para o inglês.”

Já os alunos A3 e A4, levantaram uma temática curiosa a respeito de sua aprendizagem da língua portuguesa. Ambos disseram que o inglês os ajuda na compreensão dos conteúdos e, por isso, é ele o idioma utilizado na hora da tradução em aplicativos. Ao invés de traduzir do português para a sua língua materna, a saber pashto e árabe respectivamente, eles traduzem do português para o inglês, alegando que há uma precisão maior nas palavras. Contudo, por não ser o tópico principal desta pesquisa não é possível aprofundar-se nele, sendo necessária a realização de um estudo mais detalhado para se obter uma explicação ainda mais precisa.

Certifica-se, portanto, que o efeito das expedições da coroa inglesa tem causado impacto até os dias de hoje, isto é, o inglês como língua mundial que tem ajudado muitas pessoas de diversas formas, sendo uma delas a capacitação de pessoas com diferentes línguas maternas aprenderem outro idioma apenas possuindo a língua inglesa em comum (FIGUEIREDO, 2016).

Partindo para o inglês como facilitador da integração e do acolhimento na sociedade brasileira, todos os quatro alunos (100%) responderam que a língua inglesa promove e facilita esse acontecimento, como mostra o Gráfico 6:

Gráfico 6 – O inglês como facilitador da integração e do acolhimento



Fonte: O autor

A1 Iraniano: “Seria mais difícil, it’s more difficult³², porque se você quer ensinar quem está na aula, você pode. Para mim, quem sabe inglês ajuda.”

A2 Canadense: “Being able to communicate with some friends was really really nice. [...] English was helpful.”³³

A3 Paquistanês: “Of course English make for me many things easy when I don’t understand something then I convert it on Google translate then I understand Português. Also, whenever I told to someone I can’t speak Portuguese always people help me and support me for many things.”³⁴

A4 Egípcio: “Yes, English makes connection with business world and help me to connection in everything.”³⁵

O inglês tornou-se uma língua multinacional, tamanha a sua propagação. Por essa razão, ela, agora, adapta-se aos interesses de quem fala, por ser ser desterritorializada (LEFFA, 2001, p. 346 apud LADEIA, 2019, p. 28-29). Outrossim, é a língua mais estudada, contendo bilhões de falantes ao redor do mundo (LEFFA, 2001). Por causa dessas características, pode-se observar que, dentro da turma para falantes de inglês, todos os alunos concordaram que a língua inglesa, de fato, facilita a integração e o acolhimento.

As respostas dos alunos mostram a importância do inglês na sociedade contemporânea, indo além de ser somente um idioma para negócios e viagens, mas também facilitando a integração e o acolhimento de refugiados e migrantes em outros países. Ter a língua inglesa ajudou a instrutora a ensinar o português, como menciona o A1, a participar da sociedade, isto é, conversar com amigos e outras pessoas, como explica o A2, a conseguir ajuda, como bem diz o A3, e a se conectar com o mundo, como expõe o A4.

Em outras palavras, a língua inglesa está se adaptando às necessidades ou aos interesses dos alunos, pois ela é utilizada na hora da compreensão dos conteúdos, na troca de informações entre professor e aluno, também nos assuntos mais complexos, como já mencionado no tópico 6.1 do capítulo 5 e na socialização.

Por fim, os alunos entrevistados foram perguntados se teria sido mais difícil não possuir a língua inglesa como mediadora da aula. 100% responderam que sim, tal qual aponta o Gráfico 7, bem como o argumento dos participantes:

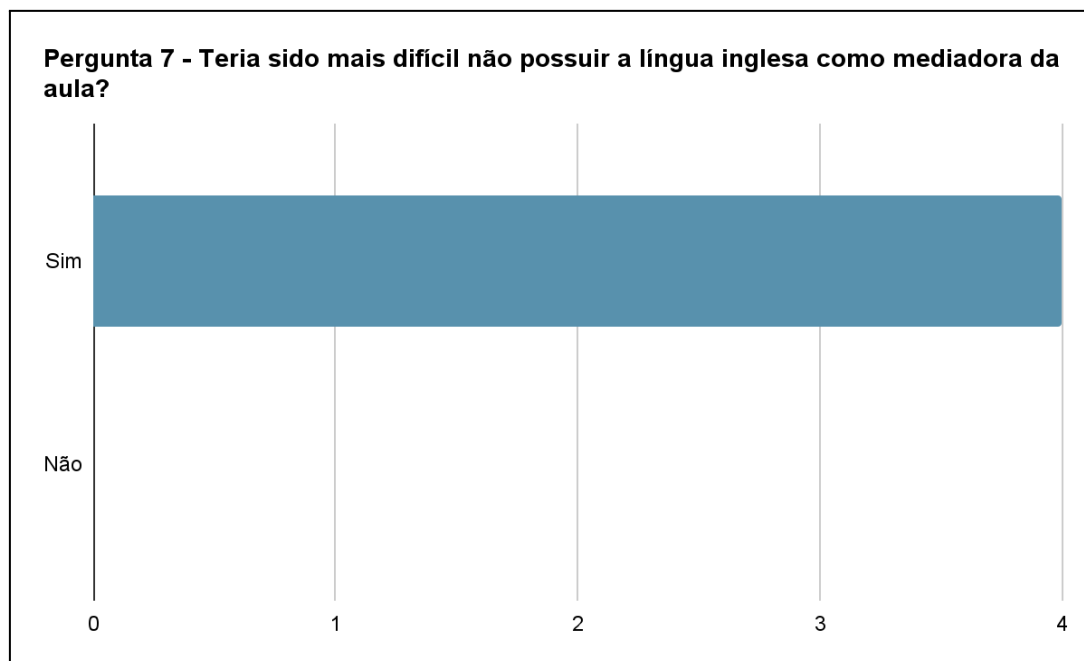
³² Tradução: “[...] é mais difícil”

³³ Tradução: “O fato de poder me comunicar com alguns amigos foi realmente muito bom. [...] O inglês foi útil.”

³⁴ Tradução: “É claro que o inglês facilita muitas coisas para mim, quando não entendo algo, converto no Google Tradutor e entendo o português. Além disso, sempre que eu digo a alguém que não sei falar português, as pessoas me ajudam e me apoiam em muitas coisas.”

³⁵ Tradução: “Sim, o inglês me conecta com o mundo dos negócios e me ajuda a me conectar em tudo.”

Gráfico 7 – Inglês como mediador da aula



Fonte: O autor

A1 Iraniano: “Se nós estamos no básico de português, eu penso que para pessoa que entender inglês [é] melhor. Para o nível básico, is need.”³⁶

A2 Canadense: “Yes, it helped a lot.”³⁷

A3 Paquistanês: “Of course, we need for sometimes to understand the rules, grammar... English can make us learn Portuguese faster.”³⁸

A4 Egípcio: “It is necessary to go to english to understand Portuguese.”³⁹

Podendo ser definida como uma conexão entre duas pessoas que não falam o mesmo idioma (SEIDLHOFER, 2005), Lopes e Baumgartner (2019) que o termo “língua franca” teve sua origem no comércio do Mediterrâneo em meados do século XII, onde havia uma grande quantidade de línguas sendo faladas ao mesmo tempo, trazendo à tona a necessidade de estabelecer um idioma para melhorar a comunicação entre os comerciantes (LOPES e BAUMGARTNER, 2019). Ainda, nos dias hodiernos, é a língua inglesa que ocupa esse posto, sendo o idioma da comunicação internacional (BRIDGE LANGUAGE, 2014).

³⁶ Tradução: “[...] é necessário.”

³⁷ Tradução: “Sim, ajudou muito.”

³⁸ Tradução: “É claro que, às vezes, precisamos para entender as regras, a gramática... O inglês pode nos fazer aprender português mais rápido.”

³⁹ Tradução: “É necessário ir para o inglês para entender o português.”

As respostas dos alunos evidenciam o papel de mediadora do inglês. Sem ela, todos concordam que o período das aulas teria sido mais difícil. Ela é necessária e ajuda muito quando é preciso entender as regras gramaticais do português, além de fazê-los aprendê-la mais rápido, como argumenta A1, A2, A3 e A4. Além disso, é importante mencionar que a língua inglesa é também falada na comunicação em grupo em diversos momentos, já que todos estão entre o nível básico e intermediário.

Confere-se, desse modo, a atuação do inglês como língua-ponte, onde ela faz uma ligação entre dois extremos (SPEAKINGTREE.IN, 2016), exatamente o que apresenta o referencial teórico e a pesquisa de campo, mostrando que a comunicação verbal provoca maior proximidade entre o emissor e o receptor por possuir características mais afetivas, aumentando o seu poder de construir relações. Por isso, a língua franca se torna uma grande aliada no momento de conversação entre pessoas de línguas diferentes, já que ela os conecta.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciou-se o trabalho de pesquisa, constatou-se que, com a globalização, a língua inglesa alcançou o status de língua-franca, possibilitando a quebra da barreira linguística entre pessoas ao redor do mundo e constituindo-se como uma parte essencial de diversos setores no cenário global atual. Por isso, tornou-se importante estudar acerca do inglês como uma língua-ponte que pode ser utilizada como instrumento de integração, acolhimento e ensino do português para refugiados e migrantes no Brasil.

Diante disso, o objetivo principal deste trabalho foi investigar a maneira que o inglês facilitava e promovia a integração, o acolhimento e ensino do português para esse público. Portanto, nota-se que o propósito geral foi atendido porque efetivamente o trabalho conseguiu demonstrar que, através do seu papel de mediadora, a língua inglesa auxiliou e continua auxiliando os alunos falantes de inglês do projeto REFMI a não somente entender e absorver os conteúdos aplicados em sala, mas a se comunicarem com outras pessoas na sociedade brasileira.

O objetivo específico inicial era relatar os efeitos dos deslocamentos da migração. Ele foi atingido ao explicitar e contextualizar os desafios que chegam juntamente com os refugiados e migrantes ao novo território que eles escolheram se inserir. Além disso, apresentou os obstáculos que os países receptores enfrentam ao acolher populações migrantes e a defasagem no apoio e assistência a essa população.

O segundo objetivo específico, por sua vez, era historicizar o fluxo migratório no Brasil. Essa finalidade foi atingida pois foi feito um levantamento histórico da chegada de estrangeiros no país, bem como as razões que os motivaram a se deslocar. Outrossim, também foram evidenciadas as leis que favoreciam a chegada de imigrantes em terras brasileiras, além de apresentar dados recentes acerca das atuais migrações que em sua maioria acontecem pelos venezuelanos.

Já o terceiro objetivo específico era compreender a comunicação como base das relações humanas. Ele foi cumprido porque pôde-se estabelecer o entendimento de que a comunicação faz parte do homem desde os primórdios, pois por ser de sua natureza o instinto de ser participante de grupos para que possa manter a sua sobrevivência, o homem possui o ato comunicativo como meio para interagir com outros indivíduos, e logo, integrar-se e ser acolhido em uma sociedade.

O quarto objetivo específico era examinar o conceito de língua franca. Foi atendida essa meta em razão da exposição do seu conceito e do contexto que a abrange, levando em

consideração definições de autores da área e exemplificando com outros idiomas que atuaram como mediadoras da comunicação ao longo da história, além de fazer menção ao inglês que é o atual detentor desse status, uma “língua-ponte”.

O quinto objetivo específico, por fim, foi de explicar o funcionamento do projeto Refugiados e Migrantes na Paraíba: Acolher e Integrar. Foi cumprida essa meta porque foi elucidado os pontos principais e os eixos que são base norteadora da ação de extensão da UFPB. Também foi explanado o conceito de Português como Língua de Acolhimento, que é o ponto principal do curso, ou seja, o fornecimento do ensino da língua portuguesa.

Os resultados mostraram que a língua inglesa diminui as barreiras linguísticas e é a primeira opção para a comunicação mesmo em um país monolíngue como o Brasil, além de ser o idioma de preferência para a tradução direta do português devido à maior precisão que é dada em comparação à língua materna. Outrossim, por ser comprovado que aprender a língua do país acolhedor é chave para a integração, e o inglês provou ser também um auxiliador para uma aprendizagem mais rápida da língua portuguesa.

À vista disso, a pesquisa partiu da hipótese de que a língua inglesa poderia ser um veículo facilitador e promotor da integração e acolhimento em virtude do seu status de língua franca e por essa razão, os alunos do projeto REFMI, que têm o inglês como um dos seus idiomas, aprenderiam, conseqüentemente, o português mais facilmente, da mesma maneira que seriam inseridos na sociedade. Assim, durante o trabalho, verificou-se que esse pressuposto, de fato, é verídico, uma vez que, ao testar a hipótese por meio de uma entrevista com perguntas, ela foi atendida.

Os dados coletados obtidos foram do tipo contínuo, que são registrados à medida em que ocorrem. Através de uma entrevista estruturada, focalizada e registrada, foram escolhidos para participar os quatro únicos alunos matriculados na turma para falantes de inglês, sendo este o critério, e por meio da plataforma Google Meet a entrevista foi realizada no mês de maio de 2023.

Diante da metodologia proposta, percebe-se que o trabalho poderia ter sido realizado com um grupo de participantes e um prazo maior, de forma que a garantia a representação dos resultados obtidos seria ainda mais justa. Contudo, em virtude dessas dificuldades, a pesquisa foi limitada a eles apenas.

Dessa forma, sugere-se a ampliação do público alvo da pesquisa, procurando alunos de outras nacionalidades e de outros projetos semelhantes ao REFMI além das entrevistas neste trabalho para compreender o alcance do inglês tendo em vista a sua importância nas mais diversas áreas sociais no mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

- ACNUR – Agência da ONU Para Refugiados. *Dados Sobre Refúgio no Brasil*, 2021. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-brasil/>>. Acesso em: 22 abr. 2023.
- ACNUR – Agência da ONU Para Refugiados. *Dados Sobre Refúgio*, 2021. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/>>. Acesso em: 29 abr. 2023.
- ACNUR – Agência da ONU Para Refugiados. *Refugiados*, 2021. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/refugiados/>>. Acesso em: 29 abr. 2023.
- ACNUR – Agência da ONU Para Refugiados. “Refugiados” e “Migrantes”: Perguntas Frequentes, 2016. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/2016/03/22/refugiados-e-migrantes-perguntas-frequentes/>>. Acesso em: 29 abr. 2023.
- AGÊNCIA BRASIL. *Número de novos imigrantes cresce 24,4% no Brasil em dez anos*, 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-12/numero-de-novos-imigrantes-cresce-244-no-brasil-em-dez-anos>>. Acesso em 12 abr. 2023.
- ALANEN, Julia. Language Access is an Empowerment Right: Deprivation of Plenary Language Access Engenders an Array of Grave Rights Violations. *ILSP Law Journal*, v. 1, p. 93, 2009.
- ALBRECHT, Karina Gebien. *Aspectos Culturais da Língua Inglesa*. 1.ed. Indaial: Uniasselvi, 2017.
- AMADO, Rosane de Sá. O ensino de português como língua de acolhimento para refugiados. *Revista da SIPLA*, Brasília, v. 4, n. 2, p. 6-14. 2013.
- BAENINGER, Rosana; SILVA, João Carlos Jarochinski. *Migrações Venezuelanas*. São Paulo: Unicamp, 2018.
- BARROS, Carmen Dolores Branco do Rego. *Inglês, a Língua Global dos Dias Atuais*, 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.7211>>. Acesso em: 15 mar. 2023.
- BORDENAVE, Juan Díaz. A Comunicação Como Processo. In: _____. *Além dos Meios e Mensagens; Introdução à Comunicação como processo, tecnologia e ciência*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1984. Cap. 1, p. 11-34.
- BOVÉRIO, Maria Aparecida. Comunicação, Tecnologia e Sociedade: a importância da comunicação para a socialização do homem. *Revista Interface Tecnológica*, vol. 15, nº 1, junho de 2018, p. 326-37. Disponível em: <DOI: 10.31510/inf.v15i1.327>. Acesso em: 17 mar. 2023.

BRASIL. *Lei nº 97, de 5 de Outubro de 1892*. Dispõe Sobre a Livre Entrada no Território da República de Imigrantes de Nacionalidade Chinesa e Japonesa. Capital Federal: Senado Federal, [1892]. Disponível em:
<<https://legis.senado.leg.br/norma/541047/publicacao/15713170>>. Acesso em: 25 mar. 2023.

BRASIL. *Lei nº 13.445, de 24 de Maio de 2017*. Institui a Lei de Migração. Brasília: Presidência da República, [2017]. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113445.htm>. Acesso em: 01 maio 2023.

BRIDGE LANGUAGE. In: Macmillan Dictionary, 2014. Disponível em:
<<https://www.macmillandictionary.com/dictionary/british/bridge-language#:~:text=a%20language%20of%20international%20communication%3B%20a%20lingua%20franca>>. Acesso em: 10 maio 2023,

BRITISH COUNCIL. *Learning English in Brazil Understanding: the aims and expectations of the Brazilian emerging middle classes*. 1. ed. A report for the British Council by Data Popular institute. Teaching English, Pinheiros: SP, 2014.

CALDEIRA, Patrícia Alexandra Marcos. *A imigração em Portugal: o português, língua de acolhimento e as problemáticas da identidade linguística e cultural*. 161 f. 2012. Tese (mestrado em Letras). Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2012.

CONSERVA, Dilma Prata; SILVA, Vaneide Lima. Abordagem Comunicativa. In: III Congresso Nacional de Educação, 2016, Natal. *Anais*. Campina Grande: Realize Eventos Científicos & Editora, 2016.

CRYSTAL, Davyd. *English As a Global Language*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

DIAS, Maria Olívia. A Comunicação Como Processo de Interação e Integração no Sistema Familiar – Os Valores. *Revista Gestão e Desenvolvimento*, 2015, n.23, p. 85-105.

DI LUCCIO, Flavia. *Do Iluminismo à Web Semântica, Reflexões Sobre a Comunicação Com Base em uma Única Língua*. 2010. Tese (Doutorado) – Curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2010.

FARENA, Maritza Natalia Ferretti Cisneros. Fluxos Migratórios na Paraíba. In: SIMPÓSIO REFUGIADOS E MIGRANTES NA PARAÍBA: COMO ACOLHER E INTEGRAR? E OFICINAS TEMÁTICAS, 2019, João Pessoa. *Relatórios*. João Pessoa, 2019, p. 14-17.

FIGUEIREDO, Allan Fontoura. Fatores Históricos, Políticos e Culturais Relativos à Evolução da Língua Inglesa. *Revista Novas Letras*, Santa Maria, 2012. Disponível em:
<<https://sites.google.com/site/revistanovasletras/edicao-2012/fatores-historicos-politicos-e-culturais-relativos-a-evolucao-da-lingua-inglesa>>. Acesso em 15 fev. 2023.

_____. A Língua Inglesa ao Longo da História e Sua Ascensão ao Status de Língua Global. *Revista Novas Letras*, Santa Maria, 2016. Disponível em:
<<https://sites.google.com/site/revistanovasletras/edicao-2016/a-lingua-inglesa-e-a-sua-influencia-no-ensino-de-portugues-como-lingua-estrangeira-no-brasil>>. Acesso em: 2 mar. 2023.

FOLHA WEB. *As Dificuldades Encontradas Por Imigrantes no Mercado de Trabalho*, 2022. Folha BV. Disponível em: <<https://folhabv.com.br/noticia/ECONOMIA/Concursos-e-Oportunidades/As-dificuldades-encontradas-por-imigrantes-no-mercado-de-trabalho-/88773>>. Acesso em: 05 maio. 2023.

FRIEDRICH, Patricia; MATSUDA, AYA. When Five Words Are Not Enough: A Conceptual and Terminological Discussion of English as a Lingua Franca. *International Multilingual Research Journal*, Londres, v.4, n.1, p. 20-30.

GROSSO, Maria José dos Reis. Língua de acolhimento, língua de integração. *Horizontes de Linguística Aplicada*, v. 9, n.2, p. 61-77, 2010.

_____. Língua de Acolhimento no Contexto Migrante Português. In: *Português Como Língua de Acolhimento: práticas e perspectivas*. 1. ed. São Paulo: Parábola, p. 14-25, 2021.

JESSNER, Ulrik. Teaching Third Languages: *Findings, trends and challenges*. In: *Language Teaching*, 2008, p. 15-56. Disponível em: <doi:10.1017/S0261444807004739>. Acesso em: 22 maio 2023.

JUNGER, Gustavo; CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu de; SILVA, Bianca G. *Refúgio em Números* (7ª Edição). Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2022.

LADEIA, Sheila Rocha. *Inglês Como Língua Franca e Interculturalidade: Aspectos Inerentes ao Processo de Ensino/Aprendizagem da Língua Inglesa*. 2019. Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2019.

LOPES, Rodrigo Smaha; BAUMGARTNER, Carmen Teresinha. Inglês Como Língua Franca: explicações e implicações. *The Specialist*, Cascavel, v. 40, n. 2, p. 1-13, 2019.

LUNA FREIRE, Juliana; MARTORELLI, Ana Berenice Peres. Imigrantes e a Pandemia no Brasil: reassentamento e aquisição do português como língua de acolhimento. In: IX OXBRIDGE CONFERENCE ON BRAZILIAN STUDIES, 2021. *Anais*. 2021, p. 101-102.

MARTÍN, María. Sem Fluência em Idiomas, a PF Depende de Voluntários Para Atender Refugiados. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2014/05/13/politica/1400012407_244755.html>. Acesso em: 03 maio 2023.

MIGRACIDADES. *A Plataforma MigraCidades*, 2023. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/migracidades/>>. Acesso em: 22 mar. 2023.

MITTAL, Reena. English Can Be a Bridge For Cross Cultural Communication. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON HUMANITIES, LITERATURE AND MANAGEMENT (ICHLM), 15, 2015, Dubai. *Anais*. 2015, p. 132-134.

NEVES, Taynara De Carvalho; VASCONCELOS, Priscila Batista; LACERDA, Norma. Implicações das Migrações Chinesas nos Centros Históricos do Brasil: aproximações a partir

do caso Recife – PE. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 16, 2019, Vitória. *Anais*. Vitória: Editora Consequências, 2019, p. 1506-1524. Disponível em: <<https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2022.v24i52.a46968>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

NÚMERO de Novos Imigrantes Cresce 24,4% no Brasil em Dez Anos. *Agência Brasil*, Brasília, 07 de dez. de 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-12/numero-de-novos-imigrantes-cresce-244-no-brasil-em-dez-anos>>. Acesso em: 28 abr. 2023.

OIM – Organização Internacional para as Migrações. *World Migration Report 2022*. Disponível em: <<https://worldmigrationreport.iom.int/wmr-2022-interactive/>>. Acesso em: 27 abr. 2023.

OLIVEIRA, Gilvan Muller; SILVA, Julia Isabelle. Quando Barreiras Linguísticas Geram Violação de Direitos Humanos: que políticas linguísticas o Estado brasileiro tem adotado para garantir o acesso dos imigrantes a serviços públicos básicos?. *Gragoatá*, v. 22, n. 42, p. 131-153, 13 jul. 2017.

OIM – Organização Internacional para as Migrações. *Glossário sobre Migrações*. Direito Internacional sobre migração. 2009. Disponível em: <<https://www.acm.gov.pt/documents/10181/65144/Gloss%C3%A1rio.pdf/b66532b2-8eb6-497d-b24d-6a92dadfee7b>>. Acesso em: 09 maio 2018

PEDERSON, Margaret. *English as a Lingua Franca, World Englishes and Cultural Awareness In the Classroom: A North American Perspective*. In: GIMENEZ, Telma; CALVO, Luciana Cabrini Simões; EL KADRI, Michele Salles (org). *Inglês Como Língua Franca: Ensino-Aprendizagem e Formação de Professor*, vol. 14. Campinas: Pontes Editores, 2011. Cap. 3, p. 59-85.

PESQUISA Revela Situação de Migrantes, Apátridas e Refugiados. *Participação em Foco*, 2015. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/participacao/noticiasmidia/direitos-humanos/1305-refugiados-apatridas-ministeriodajustica-mj-pensando-o-direito>>. Acesso em: 05 maio 2023.

PORTELA, Keyla Christina Almeida. Abordagem Comunicativa na Aquisição de Língua Estrangeira. *Revista Expectativa*, v.5, n.1, 2007. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/expectativa/article/view/84>> . Acesso em: 05 maio 2023.

RESSTEL, Cizina Célia Fernandes Pereira. Fenômeno Migratório. In: *Desamparo psíquico nos filhos de dekassegus no retorno ao Brasil*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 35-52. ISBN 978-85-7983-674-9. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/xky8j/pdf/resstel-9788579836749-04.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2023.

SEIDLHOFER, Barbara. *Research Perspective On Teaching English As a Lingua Franca. Annual Review of Applied Linguistics*, Cambridge, v. 24, p. 209-239, 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.1017/S0267190504000145>>. Acesso em: 13 abr. 2023.

_____. English as a Lingua Franca. *ELT Journal*. v. 59, n. 4, p. 339-341, 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.1093/elt/cci064>>. Acesso em: 04 maio 2023.

SINHA, Rajendrapartap. *English a Bridge Language*, 2016. Disponível em: <<https://www.speakingtree.in/blog/english-a-bridge-language>>. Acesso em: 10 maio 2023.

SIQUEIRA, Domingos Sávio Pimentel; BARROS, Kelly Santos. Por um Ensino Intercultural de Inglês Como Língua Franca. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n.40, p. 5-39, jan-dez, 2013.

SOTOCORNO, Isabella Caroline. Resenhas. *Revista de Estudo da Religião*, Perdizes, n. 01, p. 221-223, 2013.

SOUTO, Mauren Vanessa Lourenço; ALÉM, Aline Olivia Flores Gonzales; BRITO, Ana Marlene de Souza; BERNARDO, Cláudia. Conceitos de Língua Estrangeira, Língua Segunda, Língua Adicional, Língua de Herança, Língua Franca e Língua Transnacional. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 60, p. 890-900, set. 2014.

TEIXEIRA, Rosane Siqueira. Migração Internacional na Paraíba e no Rio Grande do Norte, 1889-1930. *Migrações Internacionais*. Abordagem de Direitos Humanos. Série Migrações, Brasília, n. 20, p.157-173, 2017.

TORRES, Raissa Brindeiro de Araújo. *Imigrantes e Refugiados Venezuelanos na Paraíba: Aspectos Para o Desenvolvimento da Política Migratória em Nível Local*. 2019. Tese (Doutorado) – Curso de Direito, Universidade Federal da Paraíba, 2019.

UNESCO. 1953. *The use of vernacular languages in education*. Monographs on fundamental education – VIII. Paris: UNESCO.

WEISS, Cláudia Suéli; TAFNER, Elisabeth Penzlien; LORENZI, Estela Maria Bogo; EWALD, Luana. *Comunicação e Linguagem*. Indaial: Uniasselvi, 2018.